

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERESINHA CAVALHEIRO DE AZEVEDO

MÍDIA E ESTIGMA

As Testemunhas de Jeová, do Nazismo aos dias de hoje

RIO DE JANEIRO  
2006

TERESINHA CAVALHEIRO DE AZEVEDO

MÍDIA E ESTIGMA

As Testemunhas de Jeová, do Nazismo aos dias de hoje

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a conclusão do curso e obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> PRISCILA SIQUEIRA KUPERMAN

RIO DE JANEIRO  
2006

TERESINHA CAVALHEIRO DE AZEVEDO

MÍDIA E ESTIGMA

As Testemunhas de Jeová, do Nazismo aos dias de hoje

Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a conclusão do curso e obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada em dezembro de 2006

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Siqueira Kuperman – Orientadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Evandro Vieira Ouriques  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. José Amaral Argolo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
2006

Ao meu marido Wellington pelo exemplo de ser humano, pelo aprendizado e pelo grande amor.

À minha família pela paciência, pelo amor, pelo carinho e pela fé, que permitiu que eu chegasse até aqui.

## AGRADECIMENTOS

À minha filha Elizabeth Cavalheiro de Azevedo – grande incentivadora, pelo companheirismo e colaboração ao longo desta jornada acadêmica.

Ao meu genro Vinicius Costa Machado – pela ajuda e colaboração competentes neste trabalho.

Aos meus filhos Arthur, Filipe, Alexandre e Gustavo – pela compreensão e carinho.

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo abordar questões sobre a mídia e o estigma que surge como resultado de determinada atuação dela, tendo como pano de fundo o grupo religioso Testemunhas de Jeová. Serão tratadas questões como o regime nazista, onde vários grupos étnicos e segmentos minoritários da sociedade foram perseguidos (aqui será estudado o caso específico citado), tendo a mídia dado destaque apenas ao grupo dos judeus, o que levou ao fato de que muitos acreditassem que somente estes haviam sido perseguidos no regime de Hitler. Como consequência dessa segregação, as Testemunhas de Jeová desenvolveram materiais impressos próprios, como forma de divulgar sua história e seus credos, tendo, por conseguinte, parques gráficos próprios. Trazendo a história da estigmatização para os dias de hoje, serão tratadas questões de intolerância por parte da sociedade e representadas pela mídia, que publica matérias com conotação negativa, estigmatizando e pré-julgando as Testemunhas de Jeová.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. JORNALISMO.....	10
2.1. Credibilidade e estigmatização.....	12
3. SIGNIFICADOS DE ESTIGMA.....	15
4. RELIGIÃO E POLÍTICA.....	18
4.1. A imensurável contribuição de Max Weber.....	18
5. INFORMAÇÕES DE BASTIDORES.....	26
5.1. As Testemunhas de Jeová.....	26
5.2. Os preceitos da religião.....	31
5.3. A perseguição nazista.....	34
5.4. A relação com a mídia.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
7.1. Referências científicas.....	52
7.2. Referências temáticas.....	55
8. ANEXOS.....	58
8.1. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.....	59
8.2. Declaração.....	60
8.3. Como a religião deve ser financiada?.....	61
8.4. A religião na linha de fogo.....	62
8.5. De que lado está Deus?.....	63
8.6. Os clérigos abençoam armas.....	64
8.7. Publicações expuseram a Igreja.....	65
8.8. Conceitos racistas.....	66
8.9. Como posso enfrentar o preconceito racial?.....	67
8.10. Discriminação contra o sexo feminino.....	68
8.11. Uma aldeia global, mas ainda dividida.....	69
8.12. Em que as Testemunhas de Jeová crêem.....	70
8.13. Açoitamento em público.....	71
8.14. Aumento da produção gráfica.....	72
8.15. Triângulos roxos.....	73
8.16. Um testemunho da sua fé.....	74
8.17. Gutenberg.....	75

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos nos dias da Sociedade da Informação, nos quais as novas tecnologias, tais como as comunicações via satélites, a televisão e a rede mundial da internet, nos bombardeiam a cada minuto com uma gama de dados muito maior do que podemos digerir. A aceleração nos processos de difusão das notícias e a diversidade das fontes tornou a gestão informacional uma habilidade-chave para a sobrevivência. Mais do que nunca, informação é poder. Não por acaso, a Sociedade da Informação também é conhecida como Nova Economia, dada a íntima relação entre conhecimento e lucro. Mas não estamos nos referindo a qualquer tipo de informação, e sim informação de qualidade.

O Código de Ética do Jornalista, no seu artigo 7º, estabelece que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. No entanto, o que é essa “verdade dos fatos” e o que define uma publicação como “correta”? Milhares de fatos ocorrem por dia, mas somente uma pequena parcela destes se transforma em notícia. Como iremos analisar mais adiante, o processo de coleta de fatos, aprofundamento, seleção do material tido como interessante e a própria redação dessa notícia acabam por construir um fato em si. Cada veículo de comunicação desenvolve sua linha editorial, que já representa a lógica deste veículo na orientação de seus profissionais, para a seleção e formatação do fato a ser publicado. Este fato publicado, imagem do fato ocorrido, pode ser fiel em maior ou menor grau ao original. Porém, será o fato publicado que o público irá conhecer, e, baseado nele, construir suas opiniões. Como na Alegoria da Caverna, de Platão, vemos sombras das coisas, imagem que reproduzem/geram a realidade, e as vemos, as sombras, faz tanto tempo, que acreditamos que elas mesmas são a realidade. Isto está relacionado com a credibilidade dos veículos de comunicação em nossa sociedade. E assim, através da mídia, formamos nossos conceitos e elaboramos a imagem do outro.



Nos dias de hoje, ninguém mais pode dizer desconhecer o poder da mídia. Esse “quarto poder” está presente, de variadas formas, na construção da opinião pública. No entanto, é na imparcialidade que reside o calcanhar de Aquiles da prática profissional. A mídia muitas vezes nos coloca em contato com o outro, com as diferenças, e, nem sempre há o interesse em apresentar este outro além do que evidencia sua diferença. Nossa sociedade não é inclusiva, não está acostumada a absorver e valorizar as diferenças. O desvio do que é esperado e definido como “normal” é, em geral, estigmatizado. Este termo, que remonta à Antigüidade, significa a valorização de uma determinada característica, supostamente anormal, em detrimento das demais, impondo ao indivíduo uma marca negativa.

E é justamente a seguida representação dessa marca negativa junto ao público que reforça a construção de uma imagem pública incompleta e estigmatizada. A diferença, o desvio, é sempre mais interessante como notícia, de maneira que os veículos de comunicação são, em boa parte, responsáveis pela imagem que o público forma sobre as diversas minorias. Novamente remetendo ao Código de Ética, o jornalista não pode concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de gênero e de orientação sexual. No entanto, historicamente, temos vários exemplos de momentos nos quais esse preceito foi desvirtuado, e certas caracterizações de grupos e movimentos sociais se tornaram tão profundas que, as conseqüências negativas desses descaminhos acompanham até hoje seus membros.

Nosso tempo, possivelmente devido à extrema velocidade das coisas, que deixou o homem sem referências duradouras, tem sido um tempo de redescoberta das religiões, da intensa busca pelo espiritual. Diversos grupos religiosos têm surgido ou se reinventado, buscando dar conta das expectativas de seus fiéis. Ao mesmo tempo, estes grupos são acompanhados com também uma enorme desconfiança pela sociedade. Novamente, como temos colocado, a exposição destes grupos na mídia nem sempre busca uma visão imparcial ou, pelo menos, didática. O foco, quase sempre, são as práticas tidas como exóticas ou incomuns, reforçando o estranhamento, quando não a violência em si. Uma das formas de preservação que os grupos religiosos tem buscado é o envolvimento direto com a política, a construção de quadros políticos que possam defender seus interesses. No entanto, como iremos analisar, Weber entende que esta relação entre religião e política é fadada ao fracasso, uma vez que a política envolve a dominação dos homens por outros homens, muitas vezes com o uso legitimado da violência, o que entra em conflito com os preceitos de fraternidade que norteiam as religiões. Efetivamente, o que vemos dessa posição é a adição de um novo

estigma, atribuído aos políticos, de desonestidade, aos membros das religiões que se enveredam pela política.

Esse trabalho será um estudo sobre um desses grupos, analisando a construção midiática da imagem pública do grupo religioso Testemunhas de Jeová, tomando como ponto de partida um fato histórico documentado e pouco divulgado, a perseguição nazista a outras minorias, além da perseguição aos judeus, esta amplamente divulgada. A neutralidade política e a lealdade a Jeová, preceitos destes religiosos, eram inaceitáveis ao governo de Hitler, que não tolerava qualquer recusa de apoio à sua ideologia. Tal fato gerou uma perseguição que levou à morte de um grande contingente de fiéis. Mesmo diante de todas estas solicitações, o grupo das Testemunhas de Jeová não se envolve com a política, tendo como principal fonte para a difusão de seus preceitos o contato direto com o público e a distribuição pessoal de seu material escrito. Desde seu início, este grupo entendeu o poder da mídia e, ciente da necessidade de encontrar um canal onde pudesse apresentar outras facetas de suas doutrinas que não as comumente noticiadas, investiu na produção de seus próprios veículos de comunicação. Nesses momentos de propagação da fé, o conflito gerado pelo estigma associado ao grupo chega até mesmo às reações violentas, expressando o grau de desinformação fomentado pela mídia. Traçando um panorama sobre como os preceitos religiosos do grupo são apresentados de forma incompleta e inexata ao grande público, podemos delimitar a contribuição da mídia para a construção de uma imagem negativa e estigmatizada de seus membros e suas práticas.

Torna-se pertinente, num mundo pós 11 de setembro, de crescente extremismo religioso-político e intolerância, jogar uma luz na forma como são propagadas as mensagens não-explicítas, sub-textuais, e da responsabilidade da mídia neste contexto, como principal fonte de informação da sociedade. Há muito já nos foi colocado que não existe uma verdade absoluta, e que cada fato pode ter muitas abordagens que o constroem de diversas formas. Portanto, é importante dar voz aos atores para que os diferentes aspectos – positivos, negativos, ou simplesmente aspectos – possam ser entendidos de uma forma livre de preconceitos e estigmas, e da violência que estes possam provocar.

Os capítulos desse trabalho abordarão algumas idéias de teóricos que trataram o tema da religião, mídia e Estado, bem como resgatar a história do grupo. No segundo capítulo, será feita uma abordagem da trajetória do jornalismo e das suas formas de atuação. No capítulo três é feita uma análise do pensamento do sociólogo Erving Goffman acerca do conceito de estigma. O quarto capítulo traz uma revisão teórica do pensamento de Max Weber sobre religião e política. E, finalmente, no capítulo cinco, é feita uma divisão para abordar a relação

das Testemunhas de Jeová com a mídia: no primeiro subitem é trazida a história do surgimento da religião, para contextualizar com os demais subitens, no segundo subitem são relacionados os preceitos do grupo, relativizando com suas ações e práticas, no terceiro subitem aborda-se a perseguição pelo nazismo de Hitler e no quarto subitem é trazida a trajetória das Testemunhas de Jeová na comunicação social.

## 2. JORNALISMO

O vertiginoso progresso científico e tecnológico ocorrido na segunda metade do século XX aproximou, dramaticamente, povos, culturas e até simples indivíduos, através da comunicação por satélite e da internet. Hoje temos conhecimento das chocantes disparidades entre regiões geográficas e das desigualdades existentes em plena aldeia global de comunicação instantânea, onde algumas regiões ostentam a opulência das sociedades enquanto outras exibem o triste espetáculo da fome e das doenças endêmicas.

O progresso e o conhecimento são impulsionados e difundidos por todos os grandes centros informativos mundiais, com claras evidências de que o livre mercado se transformou em um denominador comum e para sobreviver neste mundo globalizado e integralizado da informação parece não existir outro caminho que não seja o das grandes redes e grandes fusões, ou seja, qualquer país que hoje em dia se atreva a questionar esse paradigma deve estar disposto a assumir o custo de um virtual ostracismo.

Manter-se informado, nesse século XXI, não é somente um exercício intelectual, mas pode fazer a diferença nas tomadas de decisões, nas mais variadas áreas da vida do cidadão. As notícias que, poucos anos atrás, só eram recebidas em formato impresso ou nos horários dos telejornais, agora são atualizadas 24 horas, em canais de televisão e emissoras de rádio voltadas para o jornalismo e a internet. Hoje as pessoas são afetadas no seu dia-a-dia pelo que está acontecendo em sua volta, e pelos acontecimentos mundiais, em que catástrofes, guerras, fome, atentados, chegam através de notícias e imagens tão vívidas que até se parecem mais próximas de cada um do que a realidade que o cerca.

A realidade social de cada indivíduo é composta de fatos dos quais efetivamente participa, e também do resultado das suas escolhas, quase sempre influenciadas pelas notícias. Porque é a partir daí que ele faz julgamentos, toma posições e planeja seu futuro. Muitas pessoas pensam que as notícias que chegam até elas são os fatos em si, não têm um olhar ou uma leitura crítica, e que um determinado fato pode ser uma das interpretações jornalísticas,

uma das muitas visões possíveis. Segundo Muniz Sodré, “a notícia converte-se, assim, numa tecnologia, não simplesmente cognitiva, mas produtora de real – é história que cria história”. (Sodré 1996:133) A notícia é produzida a partir de um acontecimento escolhido por um grupo de jornalistas e considerado como relevante na representação do cotidiano, em detrimento de outros. Esse é o primeiro recorte feito no noticiário, ou seja, o indivíduo poderá se interessar por uma ou outra notícia, mas somente entre a gama oferecida pelo veículo de comunicação que consulta.

O acontecimento escolhido para se tornar notícia será investigado por um repórter, que, como qualquer pessoa, filtrará o que acha importante de acordo com a bagagem cultural que carrega, com suas crenças, gostos e hábitos. E, como falado anteriormente, aí é que reside o calcanhar de Aquiles da informação. Ninguém consegue despir idéias e sentimentos como quem tira um paletó antes de começar um dia de trabalho. Mas, mesmo sabendo que a isenção total é impossível, o jornalista tem que tentar o tempo todo ser tão isento quanto possível ao separar o que pode ou não interessar ao consumidor final da notícia.

Com a apuração do repórter, já é possível perceber que o fato ocorrido não é exatamente o mesmo que chegará ao conhecimento de seu leitor, ouvinte ou espectador. Isso porque o jornalista nunca conseguirá passar a seu público todos os lados de um mesmo fato, já que interpreta de acordo com sua visão subjetiva. A acomodação de alguns repórteres com essa limitação pode levar a atitudes antiéticas, por saberem que não transmitirão nunca a realidade absoluta, eles podem se aproveitar e dizer o que lhes interessa, em vez de suas verdadeiras impressões.

A influência do repórter continua quando ele redige a notícia. Como o fato precisa ganhar uma ordem de entendimento, o profissional precisa dar prioridade a algum aspecto do acontecimento, de modo a formar o “lead” – o primeiro parágrafo, no qual devem constar as informações mais importantes. A linguagem jornalística exige ainda uma escrita objetiva, direta e impessoal, que transmita ao receptor uma sensação de imparcialidade e verossimilhança. Essa sensação camufla a interferência da opinião do jornal ou do próprio repórter, que pode ser notada no enfoque sobre o tema, no espaço (ou tempo, nos casos de rádio e TV) dado ao assunto, nas fontes consultadas e nas palavras, fotos e imagens usadas.

Depois que cada notícia estiver pronta, será montado o jornal, com todos os assuntos julgados importantes pela equipe de jornalistas para o consumidor final. Essa idéia de delimitar todos os acontecimentos de um dia ou algumas horas, a 30 minutos de telejornal ou 50 páginas de jornal impresso reduz a informação a uma colagem de fragmentos.

Em vez de admitir que não podem representar todas as facetas do real, esses veículos o representam, à sua forma, criando uma nova realidade que acaba sendo a verdadeira para todos que não tiveram contato com o fato que a desencadeou. Os fragmentos que farão parte do produto jornalístico são escolhidos de acordo com os supostos anseios de um repórter-médio, usado pelos jornalistas como parâmetro. Esse consumidor, no entanto, muitas vezes não corresponde em nada ao real, já que uma grande quantidade de veículos não faz pesquisa de opinião, uma maneira mais confiável de deduzir o público-alvo do jornal.

As empresas jornalísticas que fazem as pesquisas não raro constataam que editores e leitores não concordam sobre quais são os assuntos de real interesse, uma vez que essas aferições não são capazes de captar tendências não reveladas. Ainda que se diga que muitos temas não são de conhecimento do leitor, e, portanto, as pesquisas não os apontarão, o fato é que esse consumidor imaginário acaba servindo como desculpa para que o veículo siga a linha editorial que quiser.

A lógica de um consumidor imaginário funciona, mas ao contrário. De tanto escrever para um mesmo tipo de público, o jornal padroniza a expectativa dos compradores, que lêem o produto jornalístico por concordar com o ponto de vista por ele assumido. Ao selecionar um fato como noticiável, automaticamente excluindo outros, tidos como não-noticiáveis, a notícia está sendo aquilo que interessa aos jornalistas e não, necessariamente, o que interessa aos leitores. (Sodré 1996:135)

## 2.1. Credibilidade e Estigmatização

Os jornais procuram ter a preocupação de não afetar a credibilidade do público consumidor, que precisa captar rapidamente as informações necessárias para as escolhas que fará imediatamente ou durante o dia, a unidade narrativa dá alento e anula o acaso, fazendo com que todos os assuntos tratados pareçam estar ligados uns aos outros ou aos do dia anterior, em uma eterna continuação.

Ao determinar a importância e a abordagem de cada notícia e elevar à categoria de realidade os recortes não questionados por esse público, o veículo jornalístico oferece às pessoas uma versão organizada da realidade. A notícia deve apresentar ao leitor um relato objetivo e distante dos fatos, isento de avaliações pessoais ou julgamentos. O texto precisa

deixar bem claro para o leitor que não há nenhuma interferência indevida do repórter ou veículo. Ainda que a interpretação do consumidor tenha um papel ativo na valoração daquelas informações, é inegável que o modo como elas são apresentadas influencia nessa interpretação.

O que vende jornal é a novidade anunciada pela notícia. As manchetes de maior impacto são escolhidas para chamar a atenção do público. Ao conseguir a adesão dos receptores à sua versão de realidade, o veículo de comunicação forma um público, literalmente, fiel. Ele acreditará, pelo menos em um primeiro momento, em qualquer afirmação ou sugestão feita por esse veículo.

Toda notícia pressupõe um fato, um relato e um público. O fato pode ser importante (por exemplo, um pequeno avanço numa pesquisa científica), mas só se torna comunicável como notícia se puder interessar a um número importante de pessoas. (Sodré 1996:140)

A credibilidade dada ao jornalismo e atribuída para a maior parte dos assuntos abordados, faz com que, mesmo que um determinado assunto já tenha deixado de ser notícia, ele pode continuar rendendo, depende do grau de importância gerado pela mídia. A reportagem é produzida a qualquer momento oportuno, oferecendo detalhamento e contextualização àquilo que já foi mencionado e a presença recorrente de determinados assuntos na mídia, independentemente de fatos novos que os suscitem depende, também, da atualidade do tema corrente, do interesse que ele possa despertar à fatia do público potencialmente atingida por aquelas informações, e do espaço que o assunto ocupe momentaneamente no imaginário popular.

Os estigmas geralmente são explorados ao máximo, pois costumam ser assuntos polêmicos que causam grande agitação e até comoção popular.

Os produtos jornalísticos devem atrair, administrar e manter elevado o nível de atenção dos seus respectivos públicos para que exista sustentação e aumento de audiência (caso das TVs, rádios e internet) ou de tiragem (nos jornais e revistas), base da lucratividade das empresas. (Hernandes 2006:10)

A estigmatização pode ser perpetuada através do ato de manipular a informação com a intenção de ocultar fatos positivos, e publicar extensivamente algo que já tenha se tornado um sinal de estigma até adquirir uma aparência dramática e que desperte muita atenção, sendo, posteriormente, usado como um retrato global.

Os meios de comunicação de massa desempenham um papel central na credibilidade da maioria dos cidadãos sobre uma imagem pública construída a partir de uma seleção de fatos que podem ser verdadeiros ou não. Assim, os conceitos e imagens vão sendo aceitos,

naturalizados, e considerados verdadeiros, embora sejam apenas representações. Muitos dos preconceitos, dos estigmas, das exclusões de pessoas, decorrem desse processo e dos equívocos que pode gerar.

Em consequência pode ocorrer que, a multidão passa a mostrar ódio pela figura do indivíduo com quem tem relações habituais porque tal figura foi reduzida e estragada por demandas virtuais desfavoráveis, realizadas por profissionais da informação, capazes de raciocínios e de intenções, e plenamente cientes de que a divulgação do preconceito e do estigma são em si, processos violentos, que geram violência. Porque a violência não se define somente no plano físico, ela pode ser constatada na ironia, na omissão e na indiferença, porém, sem limites, restrições ou punições. Essas armas de repercussão psicológica e emocional são de efeito tão ou mais profundo que o das armas que atingem e ferem o corpo, porque tais armas ferem um valor precioso do ser humano: a auto-estima.



### 3. SIGNIFICADOS DE ESTIGMA

O Sociólogo Erving Goffman fala do termo estigma em referência a um atributo ou uma linguagem de relações profundamente depreciativas. O termo “estigma” foi criado pelos gregos como referência a sinais corporais que evidenciavam algo de extraordinário ou mau. Eram sinais feitos com cortes ou fogo no corpo de um escravo, criminoso ou traidor, cujo contato deveria ser evitado. (Goffman 1975:11)

Na Era Cristã, um estigma poderia ser um sinal corporal de graça divina ou uma alusão médica de distúrbio físico. Sendo que mais tarde e até hoje, a palavra voltou a ser conotada à degradação, os estigmas do mal, da loucura, da doença. Nesse contexto, o fato é que o estigmatizado é relegado ao cruel destino do banimento social. A sociedade atual ao invés de criar meios legais de proteção aos mais vulneráveis em seu meio, torna ainda mais difícil o seu dia a dia ao forjar, incessantemente, a proscricção de tais. Então surge a pergunta feita pelo autor: “Quem verdadeiramente é o marginal: o estigmatizado que a sociedade marginaliza ou a própria sociedade?”.

Há três tipos de estigma nitidamente diferentes: há as abominações do corpo – deformidades físicas. Existem ainda as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualidade, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Em seguida vêm os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e “contaminar” por igual todos os membros de uma família. (Goffman 1975:14)

Em todos os exemplos de estigma, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas, ou seja, um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros

atributos seus. O estigmatizado possui uma característica diferente daquela que espera-se; daquela que havia-se previsto, ou seja, da que julga-se ser normal. Os que se ajustam positivamente às expectativas particulares em questão são classificados, pretensamente, como os “normais”, e estes acreditam que alguém com um estigma não seja completamente humano.

Com base nisso, são feitos vários tipos de discriminações, através das quais, efetivamente, e muitas vezes sem pensar, são reduzidas as chances de uma vida mais produtiva. É construída uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Há uma tendência a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original e utilizam-se termos específicos do estigma no discurso diário como fonte de metáfora e representação, tais como “fanático” quando o estigma é de caráter individual e religioso, percebida mais precisamente nas crenças tidas como falsas e rígidas. (Goffman 1975:15)

Goffman enfatiza que o momento em que os estigmatizados e os normais estão na presença física imediata um do outro surge o “contato misto” que, segundo ele, a simples previsão de tais contatos pode levar ambos a tentar evitá-los.

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da Sociologia, porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. (Goffman 1975:23)

Ao chegar à fase descrita como madura e consolidada, ou seja, à fase final da sua carreira moral, o estigmatizado fará uma revelação voluntária do seu estigma, na qual ele elogiará os valores e as contribuições especiais assumidos pela sua classe. Poderá, ainda, questionar abertamente a desaprovação com a qual ele é ou foi tratado. Ao chamar a atenção para a situação de seus iguais ele, de certa forma, está consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real e de seus companheiros estigmatizados como constituindo um grupo real e inserido no contexto social.

Segundo Goffman, o estigma não deve ser visto como um mal em si mesmo, mas uma diferença com a qual se convive e precisa muitas vezes de alguns ajustes. Tais ajustes, além de boa vontade, exigem esforço, para uns mais para outros menos. Sendo que isso não constitui em si uma vergonha. Por outro lado, quem tem um estigma deve preencher os padrões comuns tão completamente quanto possível, até mais e melhor que os normais e não querer negar a sua diferença. Sendo assim, em se tratando de religião, os grupos minoritários

devem lutar a favor de seus direitos e suas inserções em campos historicamente dominados pela maioria.

E porque os normais também têm seus problemas, o indivíduo estigmatizado não deveria sentir mais amargura, ressentimento ou autopiedade. Ao contrário, deveria cultivar um modo de ser alegre e espontâneo.

Disso se segue, logicamente, uma fórmula para tratar com os normais. As habilidades que o indivíduo estigmatizado adquire ao lidar com uma situação mista deveriam ajudar aos outros que se encontram nela. (Goffman 1975:127)

Na realidade, o estigmatizado e o normal são partes um do outro. Se alguém pode se mostrar vulnerável, outros também o podem. É tolice da maioria adjetivar as minorias com termos pejorativos. Uma pessoa que sofre preconceito pode adotar uma posição de bom ajuste, ter um caráter forte e uma profunda filosofia de vida. Pôr em prática a sua força de vontade e a sua habilidade de agir. Nos processos sociais para uma reversão em prol dos estigmatizados é requerido o recrutamento de células não resistentes a mudanças como base de apoio. Em membros de certos grupos raciais, religiosos e étnicos, o preconceito tem funcionado, aparentemente, como um meio de afastar essas minorias de diversas vias de competição, favorecidas por uma eventual inclusão social.

Segundo um artigo do professor Muniz Sodré: "... O catolicismo subsiste por sua vasta argumentação teológica – que não se origina em apóstolos ou em mártires, mas nos discursos dos doutores da Igreja e por seus aparatos jurídico-administrativos."<sup>1</sup> Podemos aqui verificar um indelével prenúncio do ocaso da religião tida como universalmente aceita. No campo da religião podemos observar grupos de minoria em fase de franca superação. Há fortes indícios de grupos, outrora estigmatizados, estarem emergindo do ostracismo em que foram relegados pela maioria absoluta.

---

<sup>1</sup> Sodré, Muniz. Política de Minoria e Religião. Vide link em Referências Bibliográficas.

## 4. RELIGIÃO E POLÍTICA

Para esclarecer a atitude de uma religião apolítica é imprescindível percorrer os pensamentos de Weber, um dos mais respeitados sociólogos já existentes, cuja teoria é aplicada nos estudos para a compreensão desses fatos, que já foram cenários no passado e continuam presentes em nossa época.

O sociólogo Max Weber pesquisou profundamente a questão do envolvimento da religião com a política. Em seu vasto legado encontram-se aspectos do seu pensamento que se coadunam com o procedimento de pessoas que, por motivos religiosos, não obedecem ao Estado em sentido pleno ou incondicional.

### 4.1. A imensurável contribuição de Max Weber

Em seu texto “A política como vocação”, Max Weber fala sobre o que é a política e o que a envolve. Salienta, ainda, sua visão quanto ao envolvimento de grupos religiosos na política, abordando a contradição existente entre os dois lados.

Segundo ele, a pessoa que se envolve com a política fica à mercê de forças “diabólicas” envoltas na violência. A partir daí, ele faz uma análise muito interessante sobre o envolvimento da religião na política, e diz o seguinte:

Os primeiros cristãos sabiam muito bem que o mundo é governado pelos demônios e quem se dedica à política, ou seja, ao poder e força por um meio, faz um contrato com as potências diabólicas, e pela sua ação se sabe que não é certo que o bem só pode vir do bem e o mal só pode vir do mal, mas que com frequência ocorre o inverso. Quem deixa de perceber isso é, na verdade, um ingênuo em política. (Weber 1982:85)

Weber deixa bem claro em sua opinião de que as pessoas pertencentes a grupos religiosos da ética cristã, que professam a fraternidade, entram em conflito de valores ao exercerem alguma tarefa política, por causa das suas crenças e condutas.

Ao envolver-se com o mundo da política, em menor ou maior grau, o religioso, em algum momento, certamente, entrará em conflito com os seus preceitos, e isso o fará ter dúvidas quando precisar tomar determinadas decisões, principalmente às ligadas à violência. Tal dúvida não é interessante para o Estado, sendo importante que o político tenha apenas o Estado como chefe, como seu “senhor”. E no caso de qualquer pessoa religiosa, o “chefe”, e “senhor” seria Deus, e não o Estado.

Quem quiser “salvar a sua alma”, tem de fazê-lo longe do mundo da política, pois as tarefas da política só podem ser resolvidas pela violência. O “demônio” da política vive em constante tensão com o Deus do Amor, expresso nas religiões. Essa tensão pode levar a um conflito inconciliável.

As religiões que sustentaram uma ética de salvação (que acreditam em uma possível intervenção divina em suas vidas) sofreram uma aguda tensão em relação às ordens políticas do mundo. Havia um deus separado para cada modalidade, ou seja, um deus para cada religião e outro deus para a política. E cada deus se interessava apenas pelas suas próprias associações. O problema surgiu quando as religiões se tornaram universalistas e tomaram para si um caráter fraternalista. Surgiu, assim, um Deus unificado, um Deus de “amor”. Com isso, as tensões ficaram ainda maiores, pois o homem político age de forma racional, sem ódio e, portanto, sem amor.

Os governantes devem agir sem emoção e sem piedade nos casos mais extremos, o que não acontece no caso do governante pertencer a algum grupo religioso. E ainda há outro ponto mais tenso na relação política e religião: o fim absoluto do Estado é salvaguardar a distribuição externa e interna de poder. Em última análise, essa finalidade deve parecer insensata a qualquer religião universalista de salvação.

É absolutamente essencial para qualquer associação política recorrer à violência bruta dos meios coercitivos frente aos inimigos externos, bem como aos inimigos internos. Somente esse recurso mesmo à violência é que constitui uma associação política em nossa terminologia. O Estado é uma associação que pretende o monopólio do uso legítimo da violência, e não pode ser definido de outra forma. (Weber 1982:233)

Não é compatível uma mesma pessoa atuar no campo religioso e no campo político, quando dois lados opostos resolvem se enfrentar, ambos acreditam piamente estarem “certos”. Para qualquer racionalização religiosa coerente, usar o nome de Deus em conflitos políticos seria considerado um uso em vão do seu nome.

Quanto mais objetiva e calculista é a política, e quanto mais livre de emoções apaixonadas, de ira e de amor, tanto mais parecerá a uma ética de fraternidade estar ela distante da fraternidade. (Weber 1982:233)

Em várias situações possíveis, a política irá competir diretamente com a religião, e vice-versa. Weber cita o caso das guerras. A fraternidade da guerra, onde os combatentes acreditam estar morrendo por alguma coisa, a morte na guerra, a dedicação ao sacrifício, partilha do carisma e da comunhão com Deus, o que leva à competição entre a fraternidade da religião e a da comunhão guerreira.

Weber aborda, também, a questão das guerras santas, da força que resulta da união de pessoas que professam a mesma fé. Ele fala do “cruzado”, quando as aristocracias salvadoras estão incumbidas, por ordem de seu Deus, de domar o mundo do pecado, para a sua glória. A guerra “justa” ou “santa” é travada para a execução dos mandamentos de Deus ou pela defesa da fé, o que significa uma guerra religiosa. É o que ocorre no islamismo, por exemplo, e em outros grupos religiosos que fazem política.

O religioso sente-se responsável pela alma de todos os que estão sob o seu jugo, de todos os homens a ele confiados. E isso também inclui os cidadãos de um estado, caso esse mesmo religioso se torne seu governante. Desse modo, ele sente-se no dever de propagar e promover os seus ensinamentos, seus meios de graça salvadores, e de se opor a tudo o que achar que é uma má orientação da fé, independente se a população professa ou não a mesma fé dele. E um bom governante tem que ter apenas o Estado como seu “senhor”, para ter as suas virtudes resguardadas. A religião não pode se misturar com a política porque os fiéis têm o mandamento expresso na Bíblia de obedecer a Deus antes que aos homens (Atos 5:29).

Caso os homens violem a vontade de Deus, especialmente em nome da fé, os fiéis chegam a conclusões favoráveis a uma revolução religiosa ativa, em virtude da sentença de que se deve obedecer antes a Deus do que ao homem. (Weber 1982:235)

Weber diz que a política compreende qualquer tipo de liderança e as influências que a ela recaem, e que toda forma de Estado consiste no uso da violência, na legitimação do uso da violência. Caso contrário, não seria um Estado, seria uma Anarquia.

A força não é o único meio de se manter o Estado, mas um meio específico do Estado. Pode-se dizer que há uma estreita relação entre o Estado e a violência, onde o primeiro não existe sem o segundo. E, o mais importante, tal violência é legítima, ou seja, o Estado tem todo o direito de usar da força que lhe é atribuída, sem prejuízos maiores para o seu poder. Pelo contrário, sem tal uso, seu poder pode ficar seriamente abalado. (Weber 1982:56)

O Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território. Nota-se que território é uma das características do Estado. O direito de usar a força física é atribuído a outras instituições ou pessoas apenas na medida em que o Estado o permite. O Estado é considerado a única fonte do direito de usar a violência. Daí política significar a participação do poder ou a luta para influir na distribuição do poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado. (Weber 1982:56)

A fome de poder está inculcada no homem. Desde os primórdios sempre se travou batalhas sangrentas para se ter o poder. Participar na política é ter poder, uns mais, outros menos. E o poder, na sociedade humana, significa prestígio, o que atiça a vaidade do homem.

Quem participa ativamente da política luta pelo poder, quer como um meio de servir a outros objetivos, ideais ou egoístas, quer como o poder pelo poder, ou seja, a fim de desfrutar a sensação de prestígio atribuída pelo poder. (Weber 1982:56)

Dentro desse quadro, como consequência natural do poder e da violência, surge a dominação. Weber afirma que o Estado é uma relação de homens dominando homens, e tal relação é mantida pelo uso legítimo da violência. Aos dominados, resta apenas obedecer aos detentores do poder, sob pena de retaliações e castigos. A obediência é determinada pelo medo de vingança e do castigo. A sede pelo poder faz surgirem grandes batalhas para consegui-lo. A função do Estado é organizar e controlar a política, e, assim também, o poder que dela provém.

A legitimação da violência dentro do Estado se dá através do voto do cidadão comum. O voto elege aquela pessoa como detentora do poder. Através do voto popular, a pessoa que luta pelo poder que a política pode lhe proporcionar, é legitimada dentro do Estado e, assim, o uso da força e da violência passa a ser legítimo, também. Ao votar, todo cidadão se torna um político, porque qualquer participação, seja apenas assistir um comício ou um simples voto, torna a pessoa momentaneamente política.

O homem pode dedicar-se à política, portanto buscar influir na distribuição do poder dentro de estruturas políticas e entre elas, como um político ocasional. Somos todos políticos ocasionais quando votamos ou consumamos uma expressão de intenção semelhante, como aplaudir ou protestar num comício político, ou ao pronunciar um discurso político, etc. (Weber 1982:59)

O voto é o meio mais fácil e simples de se participar da política. Mas, ao fazer isso, o cidadão está dizendo que apóia e legitima o poder de determinado candidato. O risco é que existem pessoas com más intenções quando se candidatam. O cidadão não tem como saber quais são as reais finalidades dos candidatos. E, dentro de um sem-número de intencionados,

há aqueles que visam apenas serem detentores legítimos do poder e agem à revelia de seus eleitores.

A convocação obrigatória para o serviço militar e a obrigatoriedade de servir o Estado acima de todas as coisas faz parte do uso da força. Outro fator importante apontado por Weber é o fato de o Estado vir a se envolver em guerras. Desde os primeiros registros da humanidade, sabe-se da existência de guerras, de diversos tipos e causas. A guerra faz parte do uso legítimo da violência e da força exercido pelo Estado. E, com as guerras, surgem os saques e espólios dos prisioneiros de guerra e dos povos dominados. Mais uma vez, homem dominando homem.

Há quem se profissionaliza na política vivendo assim, dela e do que ela pode lhes oferecer. Há também, pessoas que se preocupam apenas em organizar os partidos e os grupos políticos, controlando os cargos e distribuindo empregos em troca de favores e em prol de interesses próprios e particulares, não visando o bem-comum, que deveria ser o objetivo principal de todo e qualquer governo. Mas, isso também é feito visando conseguir votos. São efetuados pequenos favores em troca de votos, para se conseguir algum cargo importante, quase sempre almejado por vários candidatos. O clientelismo é alvo de grandes críticas e forte oposição, mas é certo que sempre existiu, até os dias atuais. E é através do voto que o clientelismo se sustenta.

Quando um determinado candidato assume o seu cargo, o poder a ele incumbido é usado, na maioria das vezes, em prol de seus próprios interesses. O poder que vem a reboque de qualquer cargo político lhe permite distribuir empregos, visando, principalmente, ajudar os seus amigos e entes mais próximos. O que deveria ser realizado de uma forma transparente e imparcial é feito apenas para ajudar os familiares daquele determinado candidato, surgindo, assim, o nepotismo, também alvo de severas críticas pela grande maioria da população.

Visando manter a ordem do Estado, as pessoas detentoras do poder estão sempre buscando formas diferentes de usá-lo legitimamente. A organização da política é necessariamente controlada por homens interessados em tal controle. Isso equivale a dizer que um número pequeno de pessoas está interessado na vida política, e, daí, em partilhar esse poder. Isso pode ser observado quando eles se candidatam, ou apóiam seus protegidos, procurando meios financeiros para se promover e lançando-se à procura de votos. Essa caça aos votos que os elege, com promessas que muitas vezes são esquecidas quando chegam ao poder. Esse é um círculo vicioso comumente visto nos anos eleitorais. Mas, segundo Weber, tal proceder é necessário para se manter a máquina política. “O séquito, e através dele, o eleitorado passivo, são necessários à eleição do poder.”



Outro fator apontado por Weber é de, historicamente, o poder estar sempre nas mãos dos mais favorecidos. Mais favorecidos socialmente falando. A aristocracia domina até hoje em diversos países. Muitos grupos e partidos políticos são formados por personalidades consideradas notáveis, o que inclui pessoas letradas, com envolvimento acadêmico, profissionais formados em escolas superiores e universidades, ou simplesmente pessoas que pertencem a alguma família importante. Em passos muito lentos que tal quadro está sendo mudado. Aos poucos, a classe trabalhadora e cidadãos sem grandes estudos estão conseguindo se eleger. Mesmo assim a hegemonia, tão sonhada em qualquer organização política e social, está longe de acontecer. Sempre há os mais poderosos, mesmo estando todos sujeitos a um mesmo governo.

Weber aborda, também, a questão dos partidos políticos que só estão vivos durante as eleições. É através dos partidos que se consegue o voto das massas, que se consegue permutar votos por qualquer coisa que seja de interesse do eleitor.

Os partidos sem princípios opõem-se mutuamente; são apenas organizações de caçadores de empregos, elaborando suas plataformas que variam segundo as possibilidades de conseguir votos, modificando suas cores num grau que, apesar de todas as analogias, não se encontra em nenhuma outra parte. Os partidos são simplesmente e absolutamente condicionados à campanha eleitoral. (Weber 1982:75)

É através do voto que muitos políticos procuram controlar seus eleitores, e, através deles, o poder que vem através da política. O político busca estabelecer relações com seus eleitores, seja com um vizinho, seja com um dono de bar, para, a partir de tais relações, conseguir os votos necessários para sua eleição. Mas seu único objetivo é o poder. O poder é realmente o primeiro e principal atrativo que motiva e impulsiona o homem para dentro da política. O poder seduz o homem que procura ser um profissional da política. Não apenas o poder, mas tudo o que dele provém: a dominação de outros homens, a influência que é exercida sobre qualquer situação.

A carreira da política proporciona uma sensação de poder. Saber que influencia homens, que participa no poder sobre eles, e, acima de tudo, o sentimento de que tem na mão uma fibra nervosa de acontecimentos historicamente importantes, pode elevar o político profissional acima da rotina cotidiana, mesmo quando ele ocupa posições formalmente modestas. (Weber 1982:80)

Ainda segundo Weber, há três qualidades que são importantes para um político apresentar: paixão, senso de responsabilidade e senso de proporção. A paixão no sentido de se dedicar apaixonadamente a uma causa, independentemente de todo o resto. É servir fielmente ao seu “senhor”, que agora é o Estado. Dedicar-se ao governo é uma forma de

demonstrar o senso de responsabilidade, qualidade também requerida de um profissional da política. Atribuir real importância para as coisas, sem dar peso maior para o que não é devido, corresponde ao senso de proporção, que também deve ser exercido pelo político. Para exercer com sucesso tais qualidades, o político tem de superar, interiormente, um inimigo bastante comum e demasiado humano: a vaidade vulgar. Tal desapego tornou-se mais difícil, visto que o poder embriaga todos os que dele experimentam.

O político trabalha com o desejo de poder como um meio inevitável. Portanto, o instinto do poder pertence na verdade às suas qualidades normais. O ‘pecado’ começa quando esse desejo de poder deixa de ser *objetivo* para tornar-se uma auto-embriaguez puramente pessoal, ao invés de colocar-se exclusivamente ao serviço da ‘causa’. Há apenas dois tipos de pecado mortal no campo da política: a falta de objetividade e a irresponsabilidade. A vaidade tenta fortemente o político a cometer um desses pecados, ou ambos. (Weber 1982:81)

Mais uma vez, o poder é o motivo de toda a vaidade que possa surgir dentro do campo político. A cobiça pelo poder corrompe grande parte dos políticos que a experimentam. A sensação do poder, de estar acima de outros homens, que são seus semelhantes, a idéia de destacar-se dos demais, é algo que mexe com o imaginário das pessoas e, conseqüentemente, com a vaidade humana.

O poder é o meio inevitável, e a luta pelo poder é uma das forças motrizes de toda a política, não há deformação mais prejudicial da força política do que a ostentação do poder, e a inútil complacência no sentimento do poder, e em geral qualquer culto do poder em si. (Weber: 1982:81)

Weber ressalta, mais uma vez, que o meio decisivo para a política é a violência. Podemos perceber que tal afirmação foi fundamentada nos escritos de Maquiavel, fazendo referência à obra “O Príncipe”. Nessa obra, Maquiavel afirma que, na política, os fins justificam os meios. Dessa forma, toda e qualquer forma de violência, principalmente as provenientes das guerras, tanto que seja usada para manter o poder, é totalmente legítima.

Deve, pois, um príncipe não ter outro objetivo nem outro pensamento, nem tomar outra coisa por fazer, senão a guerra e a sua organização e disciplina, pois que é essa a única arte que compete a quem comanda. E é ela de tanta virtude, que não só mantém aqueles que nasceram príncipes, como também muitas vezes faz os homens de condição privada subirem àquele posto; ao contrário, vê-se que, quando os príncipes pensam mais nas delicadezas do que nas armas, perdem o seu Estado. A primeira causa que te faz perder o governo é negligenciar dessa arte, enquanto que a razão que te permite conquistá-lo é o ser professo da mesma. (Maquiavel 1996:85)

Apesar da afirmação de Maquiavel de que os fins justificam os meios, para Weber essa idéia entra em conflito com o senso de responsabilidade do político. Mesmo que o poder seja

exercido através da violência, sempre deve ser com o senso de responsabilidade e de proporção.

Atualmente podem surgir pessoas que pregam a paz, que pregam o amor contra a violência. No entanto, em muitos casos essas mesmas pessoas pedem para que se usem a violência pela “última vez”, a fim de garantir a paz verdadeira dentro do governo, onde toda a violência será eliminada. Dessa forma, percebe-se que o uso da violência frequentemente é requerido, mesmo quando não se vive em tempos de guerra. E quem contrata meios violentos para qualquer fim, fica exposto às suas conseqüências.

## 5. INFORMAÇÕES DE BASTIDORES

### 5.1. As Testemunhas de Jeová

A religião Testemunhas de Jeová foi fundada por um americano chamado Charles Taze Russel em 1872, com o nome de “Estudantes da Bíblia”. Russel nasceu na Pensilvânia em 1852. Oriundo de uma família de descendência escocesa-irlandesa nasceu dentro da Igreja Presbiteriana, que tinha um grande destaque na época. Embora criado como presbiteriano, Russel acabou filiando-se à Igreja Congregacional, pois preferia os conceitos desta. Mas ele ainda não estava satisfeito com os preceitos encontrados nas religiões a que pertencia, perambulando de igreja em igreja, buscando algo que lhe confortasse espiritualmente, inclusive nas religiões orientais, mas sem sucesso. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:42)<sup>2</sup>

Apesar de criado nos credos cristãos, Russel passou a fazer muitas perguntas a respeito dos ensinamentos tradicionais. Algumas idéias para ele eram repulsivas, tais como a predestinação e o tormento eterno através do inferno de fogo. Ele escreveu:

Um Deus que usasse seu poder para criar seres humanos que de antemão sabia que seriam atormentados eternamente, e que os predestinasse a isso, não poderia ser sábio, nem justo e tampouco amoroso. Seu padrão seria mais baixo do que o de muitos homens. (O Homem em Busca de Deus 1990:351)

Ainda jovem, Russel, tornou-se sócio do seu pai em uma próspera loja de roupas masculinas. Ampliou os negócios, passando com o tempo a dirigir uma cadeia de lojas. Seu sucesso nos negócios era algo inegável. Russel tinha uma grande necessidade de

<sup>2</sup> Todas as publicações produzidas pelo grupo religioso Testemunhas de Jeová não têm autoria declarada, pois elas acreditam que todo o mérito deve ser dado a “Jeová”, e se colocassem seus próprios nomes nas publicações o mérito poderia ser dado a humanos, e não a Deus. Por isso, nenhuma publicação traz o nome dos autores, mas sim a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, pois assim, na visão das Testemunhas de Jeová, o único que receberá as glórias será “Jeová”.

pertencimento a algum grupo. Percebe-se que tal necessidade surgiu muito provavelmente por motivos sociais e econômicos. Além, é claro, das motivações tradicionais, ou seja, da crença em Deus, visto que ele definitivamente não era ateu.

Apesar de estar insatisfeito com os credos oferecidos pelas igrejas e seitas pelas quais passou Russel não se desligou delas. Quando saiu da Presbiteriana, foi para se filiar à Igreja Congregacional, apesar de não estar de acordo com os ensinamentos dela. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:43) Em nenhum momento na sua trajetória de vida ele ficou fora de algum grupo religioso. Isso nos leva a acreditar que tal fato se deve à necessidade que tinha de manter o seu negócio e, naquela época, era inviável manter um negócio sem a filiação a algum grupo ou igreja. Russel era bem-sucedido no seu negócio, o que nos leva a crer, mais uma vez, que a sua filiação religiosa era importante, do ponto de vista econômico.

A religião funciona como elemento de ligação entre os indivíduos, que têm a partir dos preceitos não apenas indicações para a realização do culto, mas também normatizações que acabam por dirigir muitas de suas ações. Ainda hoje muitas comunidades que se estabelecem a partir duma seita religiosa possuem um poder de realização considerado maior do que o de grupos que se formam com propósitos definidos e previamente estabelecidos. A religião traz um sentido de direcionamento das ações mais efetivo do que outros propósitos formadores de grupos. (Paiva 2003:87)

Aliada a essa necessidade de ter crédito e clientes, através de seus co-irmãos, havia a necessidade de se acreditar em algo. Mas Russel estava insatisfeito com os credos que as seitas e igrejas de sua época ofereciam. Para ele, havia muito mais a se descobrir. Mesmo pertencendo à Igreja Congregacional, ele sempre visitava outros cultos religiosos, à procura de algo que satisfizesse seu coração. Depois de uma visita que fez a um grupo adventista, ascendeu nele a vontade de buscar a “verdade” contida na Bíblia. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:44) Portanto, em 1870, ele e alguns amigos decidiram formar um grupo para analisar os ensinamentos da Bíblia. Essa pequena classe de estudos era dirigida conforme descrição abaixo:

Alguém fazia uma pergunta. Eles a consideravam. Procuravam todas as passagens bíblicas sobre esse ponto e, daí, quando ficavam satisfeitos com a harmonia dessas passagens, declaravam finalmente a conclusão a que chegavam e a registravam. (Proclamadores de Reino de Deus 1993:44)

Durante o período compreendido entre 1870 e 1875 houve um constante crescimento no que se refere aos esclarecimentos bíblicos desse grupo chamado de “Estudantes da Bíblia”.

Baseados nesses estudos e seus esclarecimentos a grande maioria das crenças das principais religiões e igrejas foram refutadas. Deste momento em diante Russel sentiu-se

fortemente impelido a disseminar “as verdades” contidas na Bíblia e descobertas em seus estudos. Ele começou a pregar e distribuir panfletos propagando essas descobertas. Com isso, conseguiu muitos adeptos que abandonavam suas antigas igrejas, convertidos pelos temas que ele pregava. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:45) O natural carisma de Russel facilitava seu recém iniciado trabalho de pregador, e logo ele começou a organizar o corpo teórico desta nova doutrina em publicações, que tiveram ampla aceitação.

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. (Durkheim 1978:212)

Aos 25 anos de idade, Russel vendeu a sua parte no próspero negócio de seu pai para dedicar-se à carreira de pregador. Em 1879, começou a publicar em inglês “A Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo”, hoje mundialmente conhecida como “A Sentinela – Anunciando o Reino de Jeová”. (O Homem em Busca de Deus 1990:352)

Em 1880 foi construída a sede dos “Estudantes da Bíblia”, denominada então “Casa da Bíblia”, que serviu como sede do grupo por 19 anos, e sendo constantemente aumentada em função do crescimento do grupo. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:54) Tal crescimento foi visto de forma ameaçadora pelas igrejas tradicionais da época.

Em 1881, junto com outros cristãos dedicados, Russel fundou uma sociedade bíblica sem fins lucrativos. Foi chamada de “Zion’s Watch Tower Tract Society”, hoje conhecida como Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia, a sociedade jurídica que cuida dos interesses das Testemunhas de Jeová.

Logo de início, Russel insistiu que não se fizessem coletas nas reuniões congregacionais e que não fossem solicitadas contribuições através das publicações da Torre de Vigia. As pessoas que se juntaram a ele eram conhecidas simplesmente como “Estudantes da Bíblia” e dedicavam-se aos estudos bíblicos profundos. Em resultado disso passaram a rejeitar certos ensinamentos da cristandade e concluíram, também, ser desnecessário uma classe clerical separada, treinada em seminários. Desejavam voltar às origens humildes do cristianismo, com homens espiritualmente qualificados liderando as congregações sem pretensões de salário ou remuneração. (O Homem em Busca de Deus 1990:353)

Em 1916, Russel faleceu subitamente durante uma viagem de pregação pelos Estados Unidos. Antes disso ele já havia cativado milhares de pessoas para a sua nova crença aptas a seguirem seus passos como evangelizadoras. O que aconteceria agora com esses Estudantes era uma incógnita, talvez deixassem de existir, como se fossem seguidores de um mero

homem, ao enfrentarem os testes da Primeira Guerra Mundial em cuja matança os Estados Unidos ficariam envolvidos, mas a reação da maioria desses Estudantes pode ser exemplificada pelas palavras de W. E. Van Amburgh, um dos diretores da Sociedade Torre de Vigia (EUA):

Esta grande obra mundial não é obra de uma única pessoa. É grande demais para que o seja. É obra de Deus e não muda. Deus usou muitos servos no passado e ele sem dúvida usará muitos no futuro. A nossa consagração não é a um homem, ou a uma obra de homem, mas sim *para fazer a vontade de Deus*, conforme Ele no-la revelar através de Sua Palavra e oportunas orientações. Deus ainda está no leme. (O Homem em busca de Deus 1990:354)

Seu sucessor foi Joseph F. Rutherford, advogado e profundo estudioso da Bíblia. Rutherford sabia que o reino de Deus tinha de ser pregado. E em vez de cederem ao medo do homem, os membros do grupo acataram com ainda maior vigor a convocação da Bíblia de ir pregar às nações. Sendo que nas décadas de 20 e 30 deram crescente ênfase ao primitivo método cristão de pregar – de casa em casa (Atos 20:20), onde todo crente tinha a responsabilidade de testemunhar ao maior número possível de pessoas sobre as crenças do grupo.

Em 1919 foi produzida uma revista chamada “A Idade de Ouro”, hoje conhecida mundialmente como “Desperta!”.

Em 1931, em um grande congresso em Columbus, Ohio, o pastor J. F. Rutherford fez um discurso onde o novo nome do grupo religioso foi anunciado: “Testemunhas de Jeová”. (Proclamadores do Reino de Deus 1993:155) O novo nome é baseado na Bíblia, em Isaías 43: 10-13, que diz:

“Vós sois as minhas testemunhas”, é a pronúncia de Jeová, “sim, meu servo a quem escolhi, para que saibais e tenhais fé em mim, e para que entendais que eu sou o Mesmo. Antes de mim não foi formado nenhum Deus e depois de mim continuou a não haver nenhum. Eu é que sou Jeová, e além de mim não há Salvador.”<sup>3</sup>

No Brasil, o primeiro registro que existe sobre o então grupo “Estudantes da Bíblia” é de 1899. Nesse ano, Sarah Bellona Ferguson, uma moradora do Estado de São Paulo recebe, por correio, dos Estados Unidos, algumas publicações de autoria de Charles Russel. Tudo indica que ela tomou conhecimento de tais publicações através do seu irmão, que viajava constantemente aos Estados Unidos.

Em 1918, um navio brasileiro chamado “São Paulo” atracou no porto de Nova Iorque, para reparos. Oito marinheiros, passeando em sua folga, viram algumas publicações expostas

---

<sup>3</sup> Todas as referências bíblicas transcritas nesse trabalho foram extraídas da “Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas”.

na vitrine de um local de reuniões dos “Estudantes da Bíblia” e se interessaram, voltando várias vezes para obter mais informações. Logo começaram a falar a outros marinheiros sobre o que estavam aprendendo. Em 1920 os reparos do navio terminaram e os marinheiros voltaram ao Brasil. Eles começaram, então, uma obra de “pregação”, falando a todos que encontram sobre os novos conhecimentos obtidos através daquele grupo de estudos. Com isso, conseguem angariar muitas assinaturas da edição em espanhol de várias publicações dos “Estudantes da Bíblia”. (Exposição histórica da obra das Testemunhas de Jeová no Brasil 1997)

A partir de 1922, J. F. Rutherford, percebendo o crescente número de adeptos no Brasil, envia missionários. E, em 1923, o primeiro escritório dos “Estudantes da Bíblia” é aberto, no Rio de Janeiro. A partir de então o grupo religioso começou a progredir no Brasil. O próprio Rutherford visitou várias vezes o país, para ver como andava o progresso da religião. Tal expansão se deu em todas as partes do mundo, atingindo todos os continentes, principalmente na primeira metade do século XX. (Exposição histórica da obra das Testemunhas de Jeová no Brasil 1997)

De acordo com a publicação intitulada “Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil”, as Testemunhas de Jeová são um organismo religioso internacional, que em 1980 tinha 2,2 milhões de membros organizados em 43 mil congregações distribuídas por 205 países. Hoje são cerca de seis milhões de adeptos espalhados em mais de 235 países. As Testemunhas de Jeová compõem o grupo dos “neo-cristãos”, juntamente com a Igreja dos Santos dos Últimos dias (Mórmons) e com a Legião da Boa Vontade (Religião de Deus). Habitam mais as áreas urbanas do que as áreas rurais, ocupando todas as capitais brasileiras. São os mais numerosos, dentre as religiões que integram os neo-cristãos, reunindo mais de 1,1 milhões de fiéis distribuídos em praticamente todo o território nacional. (Jacob et al 2003:102)

Mantêm um extenso programa de alfabetização nos países onde esta necessidade é mais sentida. Além disso, executam um trabalho voluntário de aprendizado de outros idiomas para alcançarem populações de estrangeiros e emigrados.

É notável a união e a coordenação mundial entre as Testemunhas de Jeová. Seus ensinamentos são uniformes, independentemente do continente em que vivam. Por isso quando um membro da religião viajar poderá ter a certeza que encontrará a mesma instrução e os mesmos procedimentos em qualquer uma das cerca de 100 mil congregações em toda a Terra. Para que milhões de pessoas escutem a mesma informação na mesma semana elas contam com suas



modernas gráficas com capacidade de imprimir milhões de exemplares de revistas, brochuras, livros e Bíblias, em mais de 400 idiomas.

## 5.2. Os preceitos da religião

Todos os preceitos das Testemunhas de Jeová são encontrados na Bíblia e estudados detidamente e contextualizados para melhor entendimento. Consideram a Bíblia na sua íntegra e seus 66 livros como inspirados e historicamente corretos. O que comumente se conhece por “Novo Testamento”, elas chamam de Escrituras Gregas Cristãs, e o “Velho Testamento”, de Escrituras Hebraicas. Baseiam-se tanto nas Escrituras Gregas como nas Hebraicas, e tomam-nas literalmente, exceto quando as expressões ou o contexto obviamente indicam que são figurativas ou simbólicas. Entendem que muitas das profecias da Bíblia já se cumpriram, outras estão se cumprindo e outras mais ainda se cumprirão.

Acreditam que o nome de Deus é “Jeová”, e este nome aparece nas Escrituras originais em torno de sete mil vezes, mas foi retirado da maioria das Bíblias atuais. Por esta razão crêem que todos os ensinamentos religiosos deviam ser submetidos a uma prova de conformidade com as escrituras bíblicas, quer o ensino seja apresentado por elas, quer por outrem.

A brochura intitulada “Testemunhas de Jeová. Quem são? Em que crêem?” traz uma relação de seus preceitos e o referencial bíblico onde encontrá-los para uma comparação à luz da Bíblia. (Testemunhas de Jeová. Quem são? Em que crêem? 2000:13)

As reuniões das Testemunhas de Jeová acontecem em seus Salões do Reino<sup>4</sup> três vezes por semana. Ali estudam para aumentar o entendimento bíblico, adquirir mais conhecimentos sobre Deus e aprender a pregar e ensinar aos interessados.

Em uma reunião no meio da semana inclui a “Escola do Ministério Teocrático”, onde os membros da congregação, homens, mulheres e crianças, podem se matricular e recebem treinamento na arte de ensinar e expressar-se em harmonia com os princípios bíblicos. Em um outro dia, no final da semana, se reúnem para ouvir um “Discurso Público” de 45 minutos, sempre com tema bíblico relacionado com o ensino, ou com a conduta cristã seguido de uma consideração, por meio de perguntas e respostas, de um artigo da revista “A Sentinela”.

---

<sup>4</sup> Modo como é chamado o local de reunião das Testemunhas de Jeová.

Outra reunião semanal, o “Estudo de Livro”, com 1 hora de duração, é realizada no Salão do Reino e em lares particulares, com um grupo menor de participantes, para estudar uma publicação específica, através da leitura dos textos, seguido de perguntas e respostas. Anualmente organizam e assistem assembléias e congressos que duram de 1 a 3 dias.

Segundo o Livro das Religiões, as Testemunhas de Jeová não têm um credo, baseando suas doutrinas na Bíblia. Enfatizam particularmente o nome de Deus, Jeová, (Iahweh) que é usado no texto original hebraico. Não acreditam na doutrina da Trindade e afirmam que Jeová é o Deus Todo-Poderoso. O Filho Unigênito de Deus, sua primeira criação celestial, tornou-se Jesus Cristo, e o Espírito Santo é a força invisível, ativa de Deus. Os mortos não têm consciência, mas há esperança de ressurreição para eles.

O mais importante é difundir a doutrina, a fim de receber o favor de Deus e vencer a batalha do Armagedom<sup>5</sup>. Têm convicção de que o reino de Deus é um governo celestial que compreende Cristo e mais 144 mil indivíduos escolhidos, os quais serão elevados a uma nova vida no céu. Todos os outros crentes terão uma existência eterna na terra, como súditos do Reino Celestial. Afirmam que tanto as profecias da Bíblia como os acontecimentos mundiais indicam a iminência do Reino de Deus. E que a nossa geração irá testemunhar a expulsão de Satã, e o mal será banido para sempre. A terra será transformada num paraíso e se tornará o lar eterno dos fiéis. (Gaarder; Hellern; Notaker 2000:213)

Ainda segundo a mesma publicação, as Testemunhas de Jeová adotam uma ética puritana que promove a honestidade, a higiene, a temperança e a generosidade, e exige abstinência de tabaco. Distinguem-se de outros puritanos por vários aspectos, e um deles é por não se envolverem em questões políticas. Recusam-se a servir às Forças Armadas, alegando objeção de consciência. Em tempos de guerra não pegam em armas. Não acreditam no poder redentor das ações humanas.

As religiões, na sua maioria, fazem em grande medida “parte do mundo”, participando de celebrações, se envolvendo com a política e refletindo seu espírito de nacionalismo, embora algumas tenham o mesmo discurso de “separação do mundo”. Seus clérigos não raro reconhecem esse fato, e muitos dentre eles gostam que assim seja. Em nítido contraste, as Testemunhas de Jeová estão na contramão dessas muitas igrejas, ao não se envolverem com o “mundo”.

No que diz respeito aos movimentos proféticos, a própria instituição de ‘igrejas’, freqüente especialmente na fase organizativa e de ‘ajuste’, (e, portanto, junto a sociedades já notavelmente hierarquizadas), exprime a exigência, da parte de uma

<sup>5</sup> Na crença das Testemunhas de Jeová, é a Guerra Santa de “Jeová”, onde Ele irá destruir os ímpios e salvar seus servos leais, restabelecendo o paraíso na Terra.

coletividade de adeptos, de ‘separar-se’ da sociedade existente, oficial, profana, para formar uma sociedade a seu modo ‘fora do mundo’.” (Lanternari 1974:331)

Segundo as Testemunhas de Jeová, não fazer parte do mundo é se afastar de tudo que vangloria o mundo e os humanos, tirando de Deus o privilégio de ser adorado e honrado. Cantar o hino nacional, saudar a bandeira, o serviço militar, dentre outras práticas, são coisas que devem ser evitadas pelos “verdadeiros” adoradores de Deus. As Testemunhas de Jeová falam, ainda, que elas têm a obrigação de evitar o espírito do mundo, a saber, seus objetivos, suas ambições e esperanças, bem como seus caminhos egoístas. (Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus 1993:189) As Testemunhas de Jeová se orgulham em dizer que são pacifistas, e que nunca tomaram partido em nenhuma guerra que tenha ocorrido até então. Negam-se a pegar em armas, pois as armas foram feitas para matar outros homens. Ao contrário de outras religiões, as Testemunhas de Jeová não misturam a política com a religião, pois sabem que isso visaria apenas servir interesses de Chefes de Estado ou partidos políticos. (Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus 1993:198)

São politicamente neutras, sem posicionamento político, apolíticas. Tal afastamento é endossado por Weber e sugerido por outros autores.

A condenação do sagrado era exigida pelos interesses da burguesia e pelo avanço da secularização. Esse conflito, na verdade, não se circunscreve de maneira precisa, não está contido dentro dos limites estreitos de tempo e espaço, porque ele ressurge e se mantém vivo nas fronteiras da expansão do capitalismo e onde quer que a dinâmica da produção dos lucros colida com os mundos sacrais. Basta abrir nosso jornais e tomar ciência das tensões entre Igreja e Estado, Igreja e interesses econômicos. A argumentação é a mesma. As idéias se repetem. Que a religião cuide das realidades espirituais, porque das coisas materiais a espada e o dinheiro se encarregam! (Alves 2005:48)

A razão para esse afastamento é que estão esperando a grande transformação, quando tudo o que pertence a este mundo irá perecer. A única coisa que pode trazer a salvação são os ensinamentos de sua Igreja, por isso o objetivo de todos os esforços deve ser propagá-los. Qualquer oposição que encontrem simplesmente reforça sua convicção de que estão entre os escolhidos de Deus. (Gaarder; Hellern; Notaker 2000:214)

### 5.3. A perseguição nazista

Nos anos 20, enquanto a Alemanha lutava para se recuperar da derrota na Primeira Guerra Mundial, as Testemunhas de Jeová distribuíam grandes quantidades de publicações bíblicas. Isto não só oferecia consolo e esperança ao povo alemão, mas também o alertava ao crescente poder do militarismo. De 1919 a 1933, já haviam distribuído em média oito livros, folhetos e revistas a cada uma dos 15 milhões de famílias na Alemanha.

A revista “A Idade de Ouro”, hoje “Desperta!”, muitas vezes chamou atenção ao ressurgimento militarista na Alemanha. Em 1929 a edição em alemão de “A Idade de Ouro” declarou: “O Nacional-Socialismo é um movimento diretamente a serviço do inimigo do homem, o Diabo”. Pouco antes de Hitler tomar o poder, “A Idade de Ouro” de 4 de janeiro de 1933 disse: “Está emergindo o rochedo ameaçador do movimento Nacional-Socialista. Parece inacreditável que um partido político de origem tão insignificante, de diretrizes tão heterodoxas, possa em apenas alguns anos, assumir proporções que ofuscam a estrutura de um governo nacional. No entanto, Adolf Hitler e seu partido nacional-socialista (os nazistas) conseguiram realizar essa rara proeza.”

Pode-se dizer que o choque entre as Testemunhas de Jeová e o nazismo, ou nacional-socialismo, era inevitável. Isso por causa das intransigentes exigências nazistas que esbarravam em três das fundamentais crenças bíblicas das Testemunhas: (1) Jeová Deus é o Soberano Supremo; (2) os cristãos membros do grupo Testemunhas de Jeová são politicamente neutros; (3) Deus ressuscitará os que lhe forem fiéis até a morte. Essas crenças bíblicas determinaram a posição firme contra as exigências nazistas. As Testemunhas de Jeová se recusaram a fazer a saudação “Heil Hitler”. Isso implicava que a salvação viria por meio de Hitler, e elas atribuem a sua salvação a Deus e a dedicação de sua vida somente a Ele. Não poderiam ser fiéis a Deus e, ao mesmo tempo, saudar como salvador um ser humano. As suas vidas, bem como sua lealdade e obediência implícita, pertenciam a Deus. Segundo Habermas, os fiéis são capazes de reconhecer porque devem renunciar à violência, sobretudo àquela organizada pelo Estado, para a realização das suas exigências religiosas. (Habermas 2006:16)

A campanha nazista contra as Testemunhas de Jeová teve início em 1933. Quando Hitler assumiu o poder e começou a escalar seu pedestal de auto-proclamado deus, uma batalha ideológica era inevitável. O Terceiro Reich viu-se frente a frente com um grupo que havia jurado lealdade ao seu Deus. A neutralidade política e a lealdade a Jeová eram inaceitáveis ao governo de Hitler que não pretendia tolerar qualquer recusa de apoio à sua

ideologia. O resultado de tal confronto já estava previsto mesmo antes do começo da batalha. As Testemunhas de Jeová não queriam morrer, mas preferiam morrer a violar seus princípios.

Em junho de 1933, as tropas de assalto fecharam a gráfica da “Sociedade Torre de Vigia” (na Alemanha), em Magdeburg, e hastearam a suástica no prédio. As Testemunhas tinham suas reuniões dissolvidas e eram levadas para a prisão. Logo passaram a ser despedidas do emprego. Sofreram buscas em suas casas e espancamentos. No começo de 1934, os nazistas já haviam confiscado 65 toneladas de literatura bíblica e as haviam queimado. “A Sentinela” de 1º de novembro de 1933 trazia o artigo “Não os temais”. Foi escrito especialmente para as Testemunhas alemãs, exortando-as a terem coragem em face da crescente pressão.

Em 9 de fevereiro de 1934, J. F. Rutherford, presidente da “Sociedade Torre de Vigia” (nos Estados Unidos da América), enviou uma carta de protesto a Hitler, declarando: “O senhor poderá ter êxito em resistir a qualquer e a todos os homens, mas não poderá ter êxito em resistir a Jeová Deus... Em nome de Jeová Deus e de Seu Rei ungido, Cristo Jesus, exijo que ordene a todas as autoridades e servidores de seu governo que as Testemunhas de Jeová na Alemanha tenham permissão de reunir-se pacificamente e adorar a Deus sem impedimento”. Rutherford deu como prazo a data de 24 de março de 1934. Ele disse que se até então não viesse alívio para as Testemunhas alemãs, os fatos sobre a perseguição seriam publicados por toda a Alemanha e o resto do mundo.

A reação às exigências de Rutherford foi com mais abusos. Muitas Testemunhas foram presas e enviadas aos recém-construídos campos de concentração.

Em 1934, quando as Testemunhas da Alemanha sofriam extrema pressão, seus conservos em toda a terra compartilhavam seu sofrimento e enviavam repetidos protestos ao governo de Hitler. Isto foi destacado pelo que aconteceu em uma reunião especial de todas as congregações no domingo, 7 de outubro de 1934: às 9 horas da manhã, todas as congregações das Testemunhas de Jeová na Alemanha se reuniram para ouvir a leitura de uma carta que estava sendo enviada às autoridades do governo de Hitler. Dizia: “Há um conflito direto entre a sua lei e a lei de Deus... Por conseguinte, esta tem por fim avisá-los de que, a todo custo, obedeceremos aos mandamentos de Deus, vamos reunir-nos para o estudo de sua Palavra, e iremos adorá-lo e servi-lo conforme Ele ordenou.”

Naquela ocasião, devia-se abrir um envelope lacrado. Era o texto de um telegrama a ser enviado ao governo de Hitler. Dizia o seguinte: “Governo de Hitler, Berlim, Alemanha. Seus maus-tratos para com as Testemunhas de Jeová chocam a todas as pessoas boas da terra

e desonram o nome de Deus. Refreie-se de continuar perseguindo as Testemunhas de Jeová; de outra forma, Deus o destruirá, bem como a seu partido nacional.”

Este telegrama foi despachado no mesmo dia por congregações em 50 países, incluindo as da Alemanha. Foi uma enxurrada de telegramas que chegou a Berlim naquele dia. Não era apenas um aviso a Hitler e seu partido; era também uma demonstração de união e solidariedade das Testemunhas de Jeová em todo o mundo.

Depois de receber os telegramas de protesto, Hitler teve um acesso de ira e disse: “Esta raça será exterminada da Alemanha!” No ínterim, a perseguição foi intensificada. Mas na mesma medida em que aumentava a oposição, aumentava a determinação em perseverar e denunciar. Em 1935, “A Idade de Ouro” expôs os métodos de tortura inquisitoriais do regime nazista e o seu sistema de espionagem. Em 20 de junho de 1937, as Testemunhas que ainda estavam livres distribuíram uma mensagem minuciosa a respeito da perseguição. Dava o nome de autoridades, datas e os lugares. A Gestapo ficou furiosa com essa exposição.

Embora o público em geral desconhecesse a existência dos campos de concentração até 1945, descrições detalhadas deles apareceram muitas vezes nas publicações da “Torre de Vigia”, nos anos 30. A revista “Consolação”, em 1937, falou sobre experiências com gás venenoso em Dachau. Foram mencionados por nome 20 diferentes campos e apresentadas informações sobre suas indescritíveis condições. Em 1940 esta mesma publicação disse: “Havia 3.500.000 judeus na Polônia quando a Alemanha começou a sua ‘Blitzkrieg’ (...) e, se as informações que chegam ao mundo Ocidental forem corretas, a destruição deles parece estar em franco progresso.” Em 1943, “Consolação” observava: “Nações inteiras, como os gregos, os poloneses e os sérvios, estão sendo exterminados sistematicamente.” As Testemunhas de Jeová conheciam muito bem os campos de concentração porque, quando a Segunda Guerra Mundial começou, em 1939, já havia 6.000 delas confinadas em campos e prisões. O historiador alemão Datlef Garbe calcula que, naquele tempo, de 5 a 10% dos presos nos campos de concentração eram Testemunhas de Jeová.

Embora os nazistas tentassem cortar o fluxo de publicações da “Torre de Vigia”, certa autoridade de Berlim admitiu: “É difícil encontrar os lugares secretos na Alemanha que ainda imprimem as publicações dos Estudantes da Bíblia; elas não trazem nomes nem endereços, e nenhum deles trai o outro”. Apesar dos esforços da Gestapo e do sofisticado sistema de espionagem nazista, era difícil encurralar e silenciar aquele pequeno exército. Era difícil cortar o fluxo de publicações que chegavam às pessoas nas ruas e atravessavam até mesmo as cercas de arame farpado dos campos de concentração.

Apesar de todo o empenho de seus perseguidores de impedir os estudos bíblicos e os materiais impressos do grupo, as Testemunhas continuaram a pregar que o Reino de Deus é a única esperança da humanidade. E fizeram isso lá mesmo nos campos de concentração. Embora representasse um grande perigo, algumas reuniões cristãs foram realizadas ali. Em resultado de atividade organizada, milhares de detentos ouviram as “boas novas.”

No campo de Neuengamme, perto de Hamburgo, foi meticulosamente planejada e executada uma campanha de testemunho intensivo. Foram preparados cartões de testemunho em várias línguas faladas no campo. Fizeram-se esforços para alcançar cada detento. Providenciaram estudos bíblicos regulares pessoais com os interessados. O zelo na pregação era tanto que alguns prisioneiros políticos se queixaram: “Onde quer que se vá só se ouve falar em Jeová!” Quando vieram ordens de Berlim para dispersar as Testemunhas entre os outros prisioneiros a fim de enfraquecê-las, isto realmente possibilitou que dessem testemunho a mais pessoas. Desta forma ajudaram muitos detentos, judeus e outros, a suportar as dificuldades. Transmitiam-lhes a esperança contida na Bíblia e dividiam com os doentes e debilitados o pouco que tinham, às vezes até o último pedaço de pão.

À medida que a fúria nazista atingia novos picos, as denúncias tornavam-se ainda mais contundentes. Rutherford usava regularmente as ondas de rádio, proferindo discursos vigorosos a respeito da natureza satânica do nazismo. “Na Alemanha, o povo em geral ama a paz”, disse Rutherford. “O diabo colocou seu representante, Hitler, no controle, um homem demente, cruel, maligno e implacável”. Os discursos eram transmitidos globalmente e impressos para divulgação aos milhões de exemplares.

As Testemunhas de Jeová eram de muitas nacionalidades, não eram nem comunistas, nem sionistas, mas eram neutras em questões políticas e raciais, e isso não foi compreendido pelos nazistas. Foram tidas erroneamente como uma ameaça pacifista para o regime nacional-socialista da Alemanha devido à sua posição cristã de neutralidade, e sua recusa de serem incorporadas no esforço de guerra de qualquer nação.

Em 1936, expediu-se a ordem para que todos os antigos líderes das Testemunhas de Jeová ficassem sob detenção preventiva por até dois meses. Em meados de maio de 1937, tomaram-se outras medidas. A Gestapo ordenou que todos que, de qualquer forma, promovessem os objetivos, ou a união de seus seguidores, fossem postos sob detenção preventiva, e, de imediato, conduzidos aos tribunais para ser expedido um mandado judicial de prisão contra eles. Na maioria dos casos, esta detenção preventiva resultou na transferência para um campo de concentração.

Em 1937 e 1938, a maioria absoluta dos detentos de Dachau era de presos políticos, enquanto que, em Sachsenhausen, havia, mesmo naqueles dias, um número igualmente grande dos chamados elementos anti-sociais, homossexuais, Testemunhas de Jeová, e criminosos habituais.

As Testemunhas de Jeová não estavam nos campos de concentração por serem criminosas. Quando os oficiais queriam alguém que lhes fizesse a barba, confiavam a navalha a uma Testemunha de Jeová, porque sabiam que nenhuma delas jamais usaria tal instrumento como arma para ferir o próximo. Quando necessitavam de alguém para cuidar da sua casa e de seus filhos, escolhiam uma Testemunha de Jeová, porque sabiam que elas não tentariam envenená-los. Elas foram aprisionadas por causa da sua fé. Repetidas vezes lhes foi prometido livramento dos campos se tão-somente assinassem uma declaração que renunciasse às suas crenças. As SS fizeram de tudo ao seu alcance para engodar ou forçar a tais a assinarem a declaração que as libertaria.

Para chamar a atenção do público para a resistência das Testemunhas de Jeová ao terror nazista, a sede da “Sociedade” em Brooklyn, EUA, aprovou a publicação do livro “Cruzada contra o Cristianismo” em alemão. Este livro documentava em detalhes os perversos ataques nazistas contra as Testemunhas de Jeová e incluía diagramas dos campos de concentração de Sachsenhausen e Esterwegen, contando as experiências de mais de cem pessoas. O livro foi publicado em Zurique pela Europa-Verlag, uma editora secular, e foi traduzido para o francês e o polonês e exposto em livrarias e bancas de jornal.

Em 1939, a revista “Consolação” perguntou: “Como alguém pode ficar calado, a respeito dos horrores de um país em que, como na Alemanha, 40.000 pessoas inocentes são presas de uma só vez; onde 70 delas foram executadas em uma só noite em uma prisão; onde todas as casas, institutos e hospitais para idosos, pobres e desamparados, e todos os orfanatos são destruídos?” As Testemunhas de Jeová sentiram-se compelidas a expor a traição e hipocrisia do clero, com detalhes de seu conluio nos bastidores. Enquanto as Testemunhas denunciavam as crueldades do regime nazista, o mundo em geral desconhecia ou duvidava das notícias que vazavam da Alemanha e de países ocupados.

No mesmo ano de 1939, as coisas pioraram para as Testemunhas de Jeová, ao irromper a guerra entre a Alemanha e os Aliados – a Grã-Bretanha e a França.

Em setembro, quando irrompeu a guerra, August Dickmann, de 23 anos, de Dinslaken, recusou-se a incorporar no exército. Ele era uma das cerca de 600 Testemunhas detidas em Sachsenhausen. O comandante daquele campo, Baranowsky, achou que chegara sua oportunidade de minar a força de vontade das Testemunhas e pediu permissão a Himmler para



executar o jovem Dickmann em frente a todos os detentos do campo com as Testemunhas de Jeová na linha de frente, onde receberiam o pleno impacto. Baranowsky estava convicto de que muitas Testemunhas renunciariam à sua fé, se realmente presenciassem uma execução.

Após a execução, os outros prisioneiros foram dispensados, mas as Testemunhas de Jeová tiveram de ficar. Com grande ênfase o comandante perguntou-lhes: “Quem está agora disposto a assinar a declaração?” – uma declaração que renunciava a fé, indicando a disposição de tornar-se soldado. Em outros campos faziam-se pressão similar. Veio a ser bem reconhecido que, embora as Testemunhas nos campos fizessem praticamente qualquer tipo de serviço para o qual fossem designadas, todavia, mesmo quando punidas com fome e excesso de trabalho, recusavam-se firmemente a fazer qualquer coisa em apoio da guerra ou que fosse dirigida contra outro prisioneiro.

Por toda a década de 30 e 40, publicavam fortes acusações contra as organizações religiosas que se tornaram serviçais do nazismo, atribuindo tal comportamento ao clero (e seus seguidores) por terem abandonado os ensinamentos da Bíblia e preferido apoiar o Estado político. A igreja Católica Romana firmou uma concordata com os nazistas, onde o cardeal católico-romano Faulhaber escreveu a Hitler: “Este aperto de mão com o Papado constitui um feito de imensurável bênção. Que Deus proteja o Chanceler do Reich (Hitler).”

Muitos protestantes têm se contorcido em auto-incriminação por terem silenciado durante as guerras de agressão de Hitler. Por exemplo, 11 destacados clérigos se reuniram, em outubro de 1945, para esboçar a chamada admissão de culpa de Stuttgart. Eles disseram: “Acusamo-nos de não termos sido mais corajosos em declarar abertamente nossas convicções, mais fiéis ao proferirmos nossas orações, mais alegres em expressarmos nossa fé, e mais ardentes em mostrarmos nosso amor.” Evidência mais recente indica que houve uns poucos católicos, bem como alguns protestantes, que resistiram ao Estado Nazista por razões de convicção religiosas. Alguns até mesmo pagaram com a vida, enquanto seus líderes espirituais se vendiam ao Terceiro Reich.

No fim da guerra, mais de mil Testemunhas sobreviventes saíram dos campos, com sua fé intacta e seu amor de uns pelos outros forte. Com a aproximação dos exércitos russos, os guardas rapidamente evacuaram o campo de Sachsenhausen. Eles agruparam os prisioneiros segundo a nacionalidade. Mas as Testemunhas de Jeová ficaram juntas como um só grupo – 230 delas desse campo. Com os russos em seu encalço, os guardas começaram a ficar agitados, e colocaram a carroça que levava seu despojo no meio da coluna de Testemunhas de Jeová porque sabiam que elas não roubariam deles.

Não havia alimentos e os prisioneiros estavam fracos; todavia, quem ficasse para trás ou caísse por exaustão era fuzilado. Milhares desses ficaram espalhados ao longo do percurso da marcha. Mas as Testemunhas ajudavam umas às outras, de modo que nem mesmo os mais fracos caíram na estrada. Outros prisioneiros tentaram roubar alimentos ao longo do caminho, e muitos foram fuzilados ao assim fazerem. Em contraste, as Testemunhas aproveitavam as oportunidades para falar às pessoas ao longo da rota de evacuação sobre sua fé, e algumas dessas, por gratidão pela mensagem consoladora, davam alimentos para elas e seus irmãos cristãos.

Como já mencionado, no início da perseguição nazista, as Testemunhas de Jeová passavam informações para outros países revelando a existência de campos de concentração e as coisas que ocorriam ali. Desde então, as revistas “A Sentinela” e “Despertai!”, de circulação mundial, vêm publicando muitos artigos sobre as atrocidades nazistas e também biografias de sobreviventes.

No Fórum Internacional sobre o Holocausto, em Estocolmo, era bem evidente nos congressistas o temor de um ressurgimento do nazismo. O professor Yehuda Bauer, diretor do Centro Internacional de Estudos sobre o Holocausto no Instituto do Judaísmo Contemporâneo, em Israel, expressou esse temor: “Se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo, não da mesma forma, nem necessariamente contra as mesmas pessoas, nem causado pelas mesmas pessoas, mas contra qualquer um, causado por qualquer um. Antes não havia precedentes, mas agora há”.

Em 26 de setembro de 1945, a revista “Consolação”, hoje “Despertai!”, mencionou que poderia haver futuras tentativas de revisar a História e negar o que havia acontecido. O artigo “Foi Destruido o Nazismo?” disse: “Os propagandistas acham que as pessoas têm memória curta. Eles pretendem apagar a história passada, apresentando-se como modernos benfeitores, encobrendo seus antecedentes incriminadores”. A revista deu este discernente aviso: “Até Jeová travar o Armagedom, o monstro do nazismo continuará a erguer a sua nefasta cabeça”.

Lembro aqui o tema desse trabalho “Mídia e Estigma”. Isso nos remete ao capítulo 2 e 3 dessa pesquisa, onde verificamos que as desinformações, as informações distorcidas, as informações inexatas, e até aquelas informações que depreciam alguém ao ponto de torná-lo “estigmatizado” são insufladoras de ódio, que leva à violência.

A História deixou bem claro que o “Estigma” teve uma parcela representativa no genocídio dos judeus, dos ciganos, na chacina dos deficientes físicos e mentais, na

perseguição e matança dos homossexuais, dos dissidentes e das Testemunhas de Jeová, nessa tenebrosa escalada Hitlerista ao poder.<sup>6</sup>

#### 5.4. A relação com a mídia

As Testemunhas de Jeová procuram estar na vanguarda da indústria gráfica porque acreditam que a palavra escrita desempenha um papel vital na verdadeira adoração. Elas dizem que Jeová deu os Dez Mandamentos a Israel, primeiro oralmente e depois por escrito. Para garantir que sua palavra fosse transmitida com exatidão, Deus mandou que Moisés e uma série de profetas e apóstolos depois dele escrevessem.

A maior parte desses primeiros escritos foi registrada em rolos. No segundo século EC, porém, desenvolveu-se o códice, ou livro com folhas. Era mais econômico e mais fácil de usar. E os cristãos estavam na vanguarda da sua utilização, visto que reconheciam seu valor na divulgação das boas novas do Reino Messiânico de Deus.

Em julho de 1879, publicou-se o primeiro número da revista “A Torre de Vigia de Sião e Arauto da Presença de Cristo” (em inglês), hoje conhecida como “A Sentinela”. Atualmente com 127 anos de idade, “A Sentinela” é conhecida como a mais amplamente difundida revista religiosa do mundo. Em 1919 sob o título “A Idade de Ouro” foi publicada outra revista, que circula até hoje, conhecida como “Desperta!”.

Ao decidir imprimir suas próprias publicações, a Sociedade Torre de Vigia precisava adquirir linotipos. E o invento de Mengenthaler, de 1884, para uma composição tipográfica mais rápida, tinha sido uma dádiva para a indústria gráfica.

Em 1887, Thomas Edison inventou o primeiro fonógrafo motorizado que tocava discos cilíndricos de cera. Naquele mesmo ano, Émile Berliner foi um passo à frente por utilizar um disco plano e uma agulha que se movimentava horizontalmente. Assim nasceu o fonógrafo ou toca-discos. Paralelamente, deram-se grandes passos no sentido das películas cinematográficas. Em 1896, os Estados Unidos testemunharam a primeira exibição pública de um filme mudo. Nesse mesmo ano, introduziu-se o cinema “omniógrafo” no Brasil, e o “animatógrafo” em Portugal.

---

<sup>6</sup> Informações e dados obtidos do CD-Rom da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Vide Referências Bibliográficas.

A “Sociedade Torre de Vigia” utilizou estes dois inventos para dar mais ímpeto à pregação da mensagem do reino e, em 1912, iniciou o trabalho em um ambicioso projeto pioneiro na projeção de filme com som. Essa tarefa resultou em uma produção de oito horas de duração, incluindo diapositivos fotográficos (slides) e filmes, com cor e som. Feito para ser exibido em quatro partes, o “Fotodrama” levava aos expectadores desde a “criação” até ao culminar do propósito de Deus para com a Terra.

Em janeiro de 1914, em plena era do cinema mudo, começaram as exibições. Uma assistência de 5.000 pessoas reuniu-se no “Templo”, um prédio situado na Rua 63 Oeste, em Nova Iorque. Muitos não conseguiram entrar por falta de lugar. Tratava-se da primeira exibição, em Nova Iorque, do “Fotodrama da Criação”.

Os diapositivos e o filme estavam sincronizados com os discos fonográficos de discursos e de música. Já haviam sido feitas várias experiências com filmes coloridos e som, mas ainda se passariam muitos anos antes destes obterem êxito comercial. Não foi senão em 1922 que surgiu um filme de longa metragem completamente a cores. E as assistências cinematográficas em geral tiveram de esperar até 1927 para ouvir tanto o diálogo como a música combinados num filme comercial.

Todavia o “Fotodrama da Criação” já incluía a cor, a palavra falada e a música. Assim, pode ser descrito como um ousado empreendimento educacional muito avançado para a época, e milhões o viram gratuitamente. Sendo que, uma fortuna para aqueles dias – cerca de 300.000 dólares americanos – foi gasta pela “Sociedade” nessa produção. Com respeito à quantidade de trabalho, tempo, dinheiro e paciência, prepararam-se gravações musicais selecionadas e noventa e seis discursos fonográficos. Diapositivos, conhecidos por “estereopticons”, foram feitos de quadros de arte que ilustravam a história mundial, e foi preciso fazer centenas de novos quadros e esboços.

Todos os diapositivos e filmes coloridos tiveram de ser pintados à mão, parte desse trabalho sendo feito na Sala de Desenho da própria “Sociedade”. E isso tinha de ser feito repetidas vezes, pois se prepararam pelo menos vinte conjuntos de quatro partes, tornando possível exibir uma parte do “Fotodrama” em oitenta diferentes cidades em um determinado dia.

Em 1901, Guglielmo Marconi recebeu o primeiro sinal, através do Radiotelégrafo, do outro lado do Atlântico. Mas só em 1920 que a KDKA, a primeira estação de rádio do mundo a operar em uma escala diária, começou a transmitir de Pittsburg Leste. Em abril de 1922, J. F. Rutherford, então presidente da “Sociedade Torre de Vigia”, apresentou um discurso nos estados de Pensilvânia, Nova Jérsei e Dalaware.

Em 1922, a “Sociedade Torre de Vigia” construiu sua própria estação de rádio com o prefixo WBBR. Com o tempo, a “Sociedade” organizou cadeias mundiais para transmitir por meio de rádio programas e discursos bíblicos. A programação consistia em cerca de 65% de música gravada, incluindo um programa semanal de 15 minutos de música ao vivo. O restante era dedicado a palestras e estudos bíblicos, respostas a perguntas bíblicas e outros métodos de apresentar as informações bíblicas, bem como notícias gerais e informações sobre segurança em lugares públicos. Em 1933, alcançou o auge de 408 estações de rádio transmitindo as “Mensagens do Reino” para seis continentes.

A mudança de diretriz veio com a grande quantidade de congregações e a prática de visitar os lares das pessoas. Ademais as estações e os programas de rádio envolviam mão-de-obra e dinheiro que poderiam ser mais bem empregados, especialmente no campo missionário, onde o contato pessoa-a-pessoa é mais eficaz do ponto de vista da “Sociedade”. Por motivos similares, só se tem usado esparsamente a televisão.

Nas primeiras décadas do Século XX, a “Sociedade Torre de Vigia” publicava sermões, simultaneamente, em quatro idiomas, alcançando quinze milhões de leitores, através de diversos jornais nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa.

Em 1933, um fonógrafo transportável, com amplificador e alto-falante, eram usados para fazer ouvir os discursos de rádio de Rutherford, gravados em disco de 33 1/3 RPM, em salões, parques e outros lugares públicos. Eram também usados carros e barcos de som para divulgar a mensagem. O uso eficiente dos fonógrafos levou a uma inovação com esses aparelhos tornando-os mais leves. Em 1934, a “Sociedade” começou a produzir fonógrafos portáteis e uma série de discos de 78 RPM, que continham discursos bíblicos com alguns minutos de duração para a pregação de casa em casa.

Os publicadores diziam aos moradores que tinham um sermão bíblico de cinco minutos que gostariam de tocar. Quando o publicador apontava para o fonógrafo que portava, a curiosidade ajudava e a maioria dos moradores concordava em ouvir. Com o tempo, foram usadas gravações em discos que abrangiam vários assuntos diferentes.

Na década de 30 e 40, muitas Testemunhas de Jeová foram presas por fazerem essa obra, e travaram-se batalhas jurídicas no interesse da preservação da liberdade de palavra, imprensa, reunião e adoração. Nos Estados Unidos as apelações das sentenças de tribunais de primeira instância resultaram em ganho de causa em 43 pleitos perante o Supremo Tribunal. Obtiveram decisões favoráveis de altas cortes, também em outros países.

No entanto, assim como o rádio, o fonógrafo tinha cumprido sua finalidade, e esses métodos de transmissão das mensagens foram aos poucos sendo substituídos pelo uso da página impressa e pelo contato direto com as pessoas.

Em 1879, a revista conhecida hoje como “A Sentinela” foi publicada por impressoras de fora. A produção de tratados bíblicos para distribuição gratuita aumentou para dezenas de milhões, ano após ano. Em 1917 foi lançado o sétimo volume do livro “Estudos das Escrituras”, com 850.000 exemplares através de impressores e encadernadores comerciais. 1918 foi um período de intensa perseguição: Rutherford, presidente da “Sociedade Torre de Vigia”, foi preso e a sede da “Sociedade” foi desaparelhada e suas chapas de impressão destruídas.

No início de 1920, a “Sociedade” adquiriu uma rotativa de revistas para a sua própria gráfica, pequena, mas bem equipada. Os que tinham experiência em operar o equipamento colocaram-se à disposição para trabalhar e a edição de 1º de fevereiro de “A Torre de Vigia” daquele ano saiu da impressora da “Sociedade”. O espaço da gráfica era bastante limitado, mas a quantidade de trabalho realizado era surpreendente. A edição de 29 de setembro da “A Idade de Ouro” apresentou uma exposição pormenorizada dos perpetradores da perseguição aos Estudantes da Bíblia de 1917 a 1920.

No primeiro ano de uso da rotativa, Rutherford queria imprimir também folhetos nela. O fabricante disse que isso não era possível. Mas eles tentaram e conseguiram, inventaram também a sua própria dobradeira e assim reduziram a necessidade de pessoas para esse aspecto do trabalho de 12 para 02. Em 1921, a “Sociedade” instalou uma linotipo, impressoras e outros equipamentos necessários também em Detroit e Michigan, onde imprimiam-se publicações em polonês, russo, ucraniano e outras línguas.

O ideal, para a “Sociedade”, era não depender mais de impressores de fora. Imprimir e encadernar os seus próprios livros parecia a melhor maneira de enfrentar os preços do pós-guerra. Dessa forma seria, também, mais difícil que opositores interferissem na obra. Além do mais, esperavam poder reduzir o custo dos livros e assim estar em condições de torná-los mais acessíveis ao público. Isso era uma idéia empolgante, mas constituía-se em um grande desafio, visto que para a abertura de uma gráfica completa exigiria mais espaço, aquisição de equipamentos até então desconhecidos para muitos, e aprender a operá-los.

Enfrentando o desafio, a “Sociedade” alugou seis dos oito andares de um prédio na Rua Concord, 18. Adquiriu uma linha completa de composição de tipos, galvanostegia, impressão e encadernação e, em 1º de março de 1922, estava montada a gráfica e começaram o trabalho.

Em 1926, a “Sociedade” queria acelerar a produção de livros. Para isso mandou-se fabricar na Alemanha uma impressora especialmente para esse objetivo. Depois de pronta, despacharam-na para a América e colocaram-na em operação. Essa foi a primeira impressora rotativa usada na América para imprimir livros.

Em vários países a impressão era feita apesar de circunstâncias extremamente difíceis. Na Grécia, por exemplo, a gráfica diligentemente montada, foi operada por apenas seis meses quando houve uma mudança de governo e as autoridades a fecharam.

Na Índia, depois de meses de trabalho que as Testemunhas tiveram para instalar uma impressora e aprender a operá-la, a polícia, às ordens do marajá, invadiu o local, levou a impressora e jogou fora todos os tipos cuidadosamente organizados.

Em 1933, o governo alemão paralisou as atividades de impressão das Testemunhas de Jeová. Policiais ocuparam a gráfica da “Sociedade Torre de Vigia” em Magdeburgo e a fecharam em abril daquele ano. A “Sociedade” estabeleceu uma gráfica em Praga, e muitos equipamentos foram levados para lá. Quando as tropas nazistas invadiram Praga, em 1939, os equipamentos da gráfica foram rapidamente desmontados e despachados para fora do país.

Na Finlândia, as autoridades interromperam a publicação de “A Sentinela”. Seus artigos principais passaram a ser mimeografados e enviados por mensageiros. Depois de a Áustria cair sob o domínio nazista em 1938, a revista “A Sentinela” passou a ser impressa em mimeógrafo também naquele país, sendo que o mimeógrafo tinha de ser, constantemente, mudado de um lugar para outro para ficar longe das mãos da Gestapo.

Na Austrália, durante o tempo em que a obra ficou proscrita, as Testemunhas de Jeová imprimiam suas próprias revistas e até livros, algo que não haviam feito ali mesmo em circunstâncias mais favoráveis. Tiveram de mudar a linha de encadernação 16 vezes para impedir a confiscação do equipamento, mesmo assim foram produzidos vinte mil livros a tempo do seu lançamento em um congresso realizado em 1941.

Em 1942, a “Sociedade Torre de Vigia” novamente era pioneira em outro campo da indústria gráfica. Fizeram experiências até que conseguiram trabalhar com o leve papel-bíblia nas rotativas, algo que outros impressores só tentaram alguns anos mais tarde.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a dar ênfase a matérias ilustradas, e o uso de cores realistas contribuiu muito para tornar as publicações mais atraentes. O uso das cores tornou a página impressa mais bela, de modo que incentivou a leitura. Em muitos lugares descobriu-se que a distribuição de “A Sentinela” e “Desperta!” aumentou consideravelmente depois que sua aparência melhorou.

A filial da Finlândia foi a primeira a fazer a impressão off-set de cada edição das revistas em quatro cores, começando de maneira simples e daí progressivamente fazendo aprimoramentos. A seguir, o Japão usou a impressão em quatro cores para um livro. Outras gráficas da “Torre de Vigia” fizeram o mesmo à medida que o equipamento se tornou disponível. Algumas das impressoras são adquiridas e despachadas pela sede mundial. Outras são custeadas pelas Testemunhas do país em que a gráfica está localizada. E têm ainda casos em que as Testemunhas de um país doam o necessário equipamento aos que se acham com poucos recursos em outro país.

Na década de 60, praticamente da noite para o dia, a Fotocomposição tornou obsoleto o processo a chumbo quente. Por exemplo: Um livro de 600 páginas que normalmente era composto em 12 meses pelo velho método, foi fotocomposto em apenas 12 horas.

A “Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados” e congêneres editavam livros e folhetos explicando a Bíblia em mais de 165 idiomas, imprimindo dezenas de milhões de tais publicações todo ano. Muito estava envolvido na produção de todas estas publicações nestas dezenas de línguas. Tratava-se de uma tarefa imensa e complicada. E, até então, não havia disponibilidade de um sistema para que a matéria escrita fosse editada celeremente em muitos idiomas.

As revistas e os livros eram primeiramente editados em inglês, daí, geralmente levava de três a seis meses antes que a mesma informação aparecesse em edições das revistas em outras línguas. E, quando se tratava de livros, não raro se passavam anos até serem editados em algumas das línguas em que ávidos leitores estavam à espera deles.

As Testemunhas de Jeová observavam atentamente os aperfeiçoamentos nesse campo, envolvendo-se profundamente na busca de novas tecnologias da informática a ponto de montar, em suas instalações nas Fazendas “Torre de Vigia”, no norte do estado de Nova Iorque, o seu próprio laboratório de pesquisas. Estavam envolvidas em um projeto desafiador – não usavam o hardware do computador da IBM ou de qualquer outra firma comercial, mas realmente criavam eles próprios todos os equipamentos principais. Projetaram e construíram o computador, o terminal gráfico e a fotocompositora MEPS “Sistema Eletrônico de Fotocomposição Multilíngüe”.

O MEPS é alojado em uma estrutura compacta de aproximadamente 1 metro e 16 milímetros de altura, 91 centímetros de largura e 86 centímetros de profundidade. Dentro dele, centenas de diminutos “chips” de silício, com intrincados circuitos eletrônicos, provêm ao computador a capacidade de cuidar de toda a atividade dos quatro terminais de vídeo chamados de “estação de trabalho”. É composto de um teclado bem conhecido, porém



ampliado, e de uma tela de representação visual. A tela de representação possui aproximadamente o tamanho e o formato de uma página das revistas “Desperta!” ou “A Sentinela”. O teclado possui o seu próprio microcomputador de 16 “bits” para controlar 182 teclas. Cada tecla possui cinco níveis de alteração, que fornecem o equivalente a 910 teclas para representar comandos, caracteres ou combinação de comandos. Por acionar um comando simples, este mesmo teclado pode ser eletronicamente alterado de modo que se possa dar entrada em um texto em qualquer língua desejada para o qual tenha sido programado. Não há, essencialmente, nenhum limite ao número de línguas que o MEPS possa ser programado para produzir.

A estação de trabalho visa à realização de duas funções básicas. A primeira é dar entrada do texto. A segunda função entra após se ter dado entrada do texto em qualquer língua. Por meio de simples digitações, a função da estação de trabalho pode ser alterada, de modo que uma página da publicação possa ser composta ali mesmo, na estação de trabalho. Qualquer tipo ou fonte escolhida, no tamanho desejado, pode ser atribuído a qualquer parte do texto escrito. Também podem ser diagramados retângulos para identificar as áreas exatas em que aparecerão o texto, os títulos, as gravuras, as tabelas e as legendas.

Daí, quando pronto, o texto é “derramado” nos quadriculos de texto e em torno das áreas reservadas para as ilustrações. Esse material é transferido de uma tela do MEPS, para uma forma que possa ser utilizada para produzir chapas para as impressoras “off-set” através de uma fotocompositora MEPS, a qual está alojada em um gabinete de 1 metro e 67 milímetros por 85 centímetros de largura e 81 centímetros de fundo que se combina com o restante do hardware do MEPS.

A fotocompositora produz uma imagem em papel fotográfico por emitir diminuto raio de luz parecida a pequenino pincel de tinta, da mesma forma que um televisor produz uma imagem em sua própria tela. Após o processamento do papel fotográfico, este é fotografado para produzir o filme que, por sua vez, é utilizado na feitura das chapas de impressão “off-set”. Enfim, o MEPS, esse mais avançado e plenamente automatizado sistema de pré-impressão multilíngüe do mundo, fará agora a diferença.

Tal sistema de editoração multilíngüe não se achava disponível em parte alguma do mundo, provavelmente porque a maior parte da impressão realizada visa o lucro, e não havia suficiente retorno financeiro para cobrir o custo de se desenvolver um sistema computadorizado para produzir publicações em muitas das línguas em que se imprimem publicações da “Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados” e congêneres.

As Testemunhas de Jeová decidiram entrar no campo das pesquisas por considerarem que dificilmente alguém se interessaria em desenvolver um sistema de editoração multilíngüe. E elas têm duas razões essenciais para o desenvolvimento tecnológico desse sistema. Primeiro, porque não imprimem visando lucro; seu objetivo ao imprimir publicações sobre a Bíblia é ajudar as pessoas de todas as nações e línguas a aprender sobre “Jeová” e seu governo do “Reino”. Segundo, elas têm traduzido regularmente matéria para mais de 165 idiomas. Por conseguinte, poderiam obter, de seus próprios tradutores, as necessárias informações lingüísticas para traduzir o MEPS.

O MEPS foi desenvolvido, em especial, para substituir as operações de pré-impressão que se tornaram obsoletas ao se abandonar a composição a metal quente, junto com a impressão tipográfica. Na composição a metal quente, o chumbo derretido é transformado em tipos metálicos pela linotipo. Daí, o texto todo e as gravuras tornam-se superfícies elevadas de placas de chumbo, e são montadas nas prensas para a impressão.

Na impressão “off-set”, o texto e as gravuras ou fotos de cada página são reproduzidos em filme e transferidos fotograficamente para a superfície de cada chapa “off-set”. O desenvolvimento do MEPS tornou-se, mormente, necessário devido o equipamento industrial de fotocomposição não satisfazer as necessidades multilingüísticas da “Sociedade”. E tem demonstrado ser um instrumento maravilhosamente eficaz.

O terminal gráfico MEPS foi projetado para mostrar grandes variedades de línguas. As teclas do seu teclado foram feitas de modo que possam ser redefinidas, isto é, podem ser alteradas eletronicamente para abranger qualquer língua para a qual o computador tenha sido instruído, ou programado. Muitos idiomas, como o armênio, o coreano, o russo e o árabe, empregam um alfabeto, ou escrita, totalmente diferente. Também, há as línguas não-alfabéticas, tais como o chinês e o japonês. Há línguas lidas da direita para a esquerda, enquanto outras são lidas da esquerda para a direita. A programação do MEPS para englobar todas essas línguas não foi uma tarefa insignificante.

As publicações editadas em dezenas de línguas diferentes, para distribuição mundial, tinham alguns problemas incomuns em fotocomposição que foram equacionados pela “Torre de Vigia” e, em 1º de janeiro de 1985, o conteúdo da revista “A Sentinela” saiu, simultaneamente, na maioria das línguas, proporcionando a mais de 90% dos seus leitores através do mundo, o acesso às mesmas informações ao mesmo tempo, cada um na sua própria língua.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Informações e dados obtidos do CD-Rom da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Vide Referências Bibliográficas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os profissionais de comunicação supostamente terem a responsabilidade ética de transmitir as informações com imparcialidade, a mídia sempre deu destaque à perseguição nazista aos judeus, minimizando as atrocidades praticadas aos demais grupos estigmatizados. Como resultado disso, em nossos dias poucos têm conhecimento do fato de que o nazismo perseguiu não somente os judeus, mas os gays, os ciganos, os negros, as Testemunhas de Jeová, dentre outros grupos minoritários, e que, nos campos de concentração, para cada um desses era designado um triângulo colorido, sendo o triângulo roxo destinado aos membros pertencentes ao grupo das Testemunhas de Jeová.

O estigma atinge as minorias sociais, dentre elas o grupo religioso Testemunhas de Jeová. Suas crenças e posições religiosas se refletem nas suas ações no cotidiano e nas relações com a sociedade e o Estado e, por serem tais posições diferentes e/ou contrárias das ações de outros atores sociais, são extremamente estigmatizadas.

As Testemunhas de Jeová foram severamente perseguidas durante o nazismo de Adolf Hitler por se recusarem a participar ou tomar partido desse regime. Sua posição, de não se envolver na política nem tão pouco ter qualquer relação com ela, é endossada pelo sociólogo Max Weber, que estudou profundamente as relações do Estado e da Igreja. Weber, em sua análise, era contra a interseção entre membros de igrejas e política, por achar que um incapacitava o outro. Ele vai além, dizendo que a mistura desses dois mundos é extremamente perigosa, pois passa a ter um poder descomunal. Segundo seu ponto de vista, um não pode se inserir no mundo do outro.

E é exatamente isso que as Testemunhas de Jeová professam. Elas são terminantemente contra qualquer tipo de envolvimento da religião com o Estado, seja nos seus menores atos, como o voto, por exemplo. E, por se recusarem a se misturarem na política, e por serem pacifistas, foram perseguidas pelo regime de Hitler, que as viu como uma ameaça à sua hegemonia “ariana”. Com isso, ele proibiu qualquer tipo de manifestação

do grupo na Alemanha e nos países por ele invadidos, destruindo suas publicações, prendendo, torturando e assassinando os membros da religião.

Apesar de toda perseguição, tortura e ameaça de morte, as Testemunhas de Jeová não fraquejaram, se mantendo íntegras aos seus credos e à sua fé. Seu modo de vida pacifista era conhecido por todos, e os próprios soldados da SS se beneficiavam desse preceito.

Apesar disso, a mídia fez pouquíssima referência a esse e a outros grupos minoritários perseguidos pelo nazismo. Muitos, até os dias de hoje, acham que somente os judeus foram perseguidos e assassinados na Segunda Grande Guerra por Hitler. Isso se dá porque a mídia não deu atenção em relatar o fato de outros grupos estigmatizados terem sido postos em campos de concentração, assim como os judeus.

Muitos leitores formam sua opinião pessoal e tomam posições em relação a determinado assunto levando em conta o que é exposto pela mídia, o que é relatado pelo jornalismo e pelos grandes meios de comunicação. Com isso, a tarefa de passar a notícia torna-se algo de extrema responsabilidade, pois a sua notícia irá formar opinião na sociedade. Mas existem muitos profissionais que não conseguem manter o afastamento crítico necessário para se ter uma notícia íntegra, sem tendências ou opinião pessoal do profissional que a elabora. Dessa simbiose resultam notícias tendenciosas, onde é exposto somente o que é interessante para o segmento dominante, deixando marginalizado determinados grupos. Com isso, entra-se num ciclo vicioso, onde o grupo estigmatizado não tem a oportunidade de se inserir de modo positivo nas relações midiáticas. E, por conseguinte, por serem estigmatizados, a mídia os marginaliza.

Outro fator que contribui bastante para a estigmatização do grupo das Testemunhas de Jeová é a posição de não aceitar transfusão de sangue em nenhuma circunstância. Tal posição é vista como radical pela maioria dos segmentos da sociedade moderna, que ataca o grupo publicamente, usando os meios de comunicação disponíveis para tal. Isso, por sua vez, só vem a aumentar o estigma e o preconceito que o grupo enfrenta por uma vasta parcela da sociedade.

Tendo em vista o estigma sofrido desde os primórdios, as Testemunhas de Jeová desenvolveram e aprimoraram seus próprios meios de comunicação, como forma de divulgar sua crença e sua fé. O próprio regime nazista se empenhou em localizar e destruir as máquinas que as Testemunhas de Jeová utilizavam para fazer e reproduzir seus materiais, como tentativa de paralisar e estagnar o avanço do grupo. Para elas, é de extrema importância ter o meio de comunicação ideal para desempenhar um papel fundamental na divulgação de sua

crença. Com isso, investiram anos de estudos e muitos recursos em pesquisas, para desenvolver tecnologias de ponta.

Um possível tema para um trabalho futuro, como desdobramento desse trabalho, seria pesquisar mais a fundo a história das Testemunhas de Jeová e os meios de comunicação por elas utilizados ao longo de sua trajetória. Carros de som, megafones, vitrolas, mimeógrafos, copiadoras, impressoras, programas de rádio são alguns exemplos citados nesse trabalho e que poderia ser alvo de uma pesquisa mais detalhada num trabalho futuro.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 7.1. Referências científicas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254 p. Tradução de: Guido Antonio de Almeida. p. 157-194.

ALVES, Rubem. O exílio do sagrado. In: \_\_\_\_\_. *O que é religião?* 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. 131 p. P. 37-51.

BAUDRILLARD, Jean. Espelho do terrorismo. In: \_\_\_\_\_. *A transparência do mal*: ensaio sobre os fenômenos extremos. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1996. 185 p. Tradução de: Estela dos Santos Abreu. p. 83-88.

\_\_\_\_\_. Mas para onde foi o Mal?. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1996. 185 p. Tradução de: Estela dos Santos Abreu. p. 89-96.

BORDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. Separata de: \_\_\_\_\_. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 144 p. Tradução de: Maria Lúcia Machado. p. 99-117.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. Mein Kampf (Minha luta), de Adolf Hitler. In: \_\_\_\_\_. *As grandes obras políticas*: de Maquiavel a nossos dias. 3ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973. 440 p. Tradução de: Lydia Christina. pt. 4, cap. V, p. 385-418.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: \_\_\_\_\_. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 248 p. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. p. 203-219. (Coleção Os Pensadores).

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. Religiões surgidas no Oriente Médio: monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *O livro das religiões*. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 129 p. Tradução de: Isa Mara Lando. P. 97-225.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, Modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. In: Dossiê Religiões no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo: IEA, volume 18, número 52, setembro/dezembro, 2004. p. 47-62. Revista de publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In: \_\_\_\_\_. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975. 158 p. Tradução de: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. cap. 1, p. 11-50.

\_\_\_\_\_. Alinhamento grupal e identidade do eu. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975. 158 p. Tradução de: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. cap. 3, p. 116-136.

GONÇALVES, Williams da Silva. A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org). *O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. v. 2, p. 165-193.

HABERMAS, Jürgen. Após o 11 de setembro. In: \_\_\_\_\_. O ocidente dividido. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. 205 p. Tradução de: Luciana Villas Bôas. cap. I, p. 9-41.

HERNANDES, Nilton. Uma nova proposta de análise dos jornais. In: \_\_\_\_\_. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006. 280 p. p. 9-13.

JACOB, César Romero et al. Outras religiões. In: \_\_\_\_\_. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2003. 13 p. cap. 5, p. 101-113.

LANTERNARI, Vittorio. Movimentos proféticos – Conclusão. In: \_\_\_\_\_. *As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 349 p. Tradução de: Geraldo Gerson de Souza. p. 319-338. (Coleção Debates, n. 95).

MACHIAVELLI, Niccolo. O que compete a um príncipe acerca da milícia (tropa). In: \_\_\_\_\_. *O príncipe*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 4 p. Tradução de: Roberto Grassi. Cap. XIV, p. 85-88.

MALINI, Fábio. A informação como arma política: do confinamento ao descontrole. In: COCCO, Giuseppe; Galvão, Alexander Patez; SILVA, Gerardo (org). *Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 192 p. Tradução de: Eliana Aguiar. cap. 7, p. 151-191. (Coleção Espaços do Desenvolvimento).

MAUSS, Marcel. A prece. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 493 p. Tradução de: Luiz João Gaio e J. Guinsburg. cap. 5, p. 229-324. (Coleção Estudos, n. 47).

PAIVA, Raquel. Comunidade como existência. In: \_\_\_\_\_. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. 175 p. cap. 3, p. 81-89.

REFKALEFSKY, Eduardo. *Estratégia de comunicação e posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: Um estudo do marketing religioso*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SCHILLING, Voltaire. A política da morte do nazismo. In: MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes (org). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000. 224 p. pt. 2, cap. 4, p. 169-181.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org). *O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. Volume 2, p. 109-164.



SODRÉ, Muniz. A forma da notícia. In: \_\_\_\_\_. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. 180 p. cap. 6, p. 131-151.

SODRÉ, Muniz. *Política de minoria e religião*. Disponível em <<http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera03/organizacao/frsoc2.htm>>. Acesso em: 18 setembro 2006.

TINOCO, Bianca Andrade. *A Igreja e a imprensa: o ano do jubileu visto pelos jornais do Rio de Janeiro*. 2001. 184 p. Monografia (Graduação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.

TZU, Sun. Da arte de vencer sem desembainhar a espada. In: \_\_\_\_\_. *A arte da guerra*. Porto Alegre: L&PM, 2000. 152 p. Tradução de: Sueli Barros Cassal. cap. III, p. 32-41. (Coleção L&PM Pocket, n. 207).

VILMAR, Dietrid Krause-. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes (org). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000. 224 p. pt. 2, cap. 1, p. 97-114.

WEBER, Max. A Política como vocação. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 35 p. Tradução de: Waltensir Dutra. pt. I, cap. IV, p. 55-89.

\_\_\_\_\_. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 24 p. Tradução de: Waltensir Dutra. pt. III, cap. XIII, p. 226-249.

## 7.2. Referências temáticas

A PERSEVERANÇA sob provas dá louvor a Jeová. *A Sentinela*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 124, nº 19, 1º de outubro de 2003. Revista.

A PROCLAMAÇÃO da volta do Senhor. In: *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993. 750 p. pt 1, cap. 5, p. 42-60.

ALTERNATIVAS à transfusão – Série de documentários. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2004. Documentário em DVD.

ANUÁRIO das Testemunhas de Jeová. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1991. 255 p.

ANUÁRIO das Testemunhas de Jeová. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1999. 255 p.

ANUÁRIO das Testemunhas de Jeová. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2002. 255 p.

AVANÇO para a vitória decisiva. *A Sentinela*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 122, nº 11, 1º de junho de 2001. Revista.

COMO viemos a ser conhecidos quais Testemunhas de Jeová. In: *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993. 750 p. pt 2, cap. 11, p. 149-158.

CONTINUARAM firmes durante a ocupação nazista na Holanda. *Desperta!*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 80, nº 18, 22 de setembro de 1999. Revista.

ELES superaram a perseguição. *A Sentinela*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 124, nº 5, 1º de março de 2003. 32 p. Revista.

EXPOSIÇÃO histórica da obra das Testemunhas de Jeová. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. 1997. Calendário.

HOLOCAUSTO – Por que Deus o permitiu? Retornarão algum dia os que morreram nele?. *Despertai!*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 70, nº 7, 8 de abril de 1989. 32 p. Revista.

“NÃO fazem parte do mundo”. In: *Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993. 750 p. pt 2, cap. 14, p. 188-201.

O QUE podemos aprender do passado? *Despertai!*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v. 85, nº 15, 8 de agosto de 2002. Revista.

POR QUE é essencial respeitar a autoridade? *A Sentinela*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, v 121, nº 15, 1º de agosto de 2000. Revista.

RETORNO ao Deus verdadeiro. In: *O homem em busca de Deus*. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990. 384 p. cap. 15, p. 344-365.

SOCIEDADE Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. *Watchtower Library* (em português). Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1999. CD-ROM.

TRADUÇÃO do novo mundo das Escrituras Sagradas. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986. Bíblia.

TRIÂNGULOS roxos. Cesário Lange: Associação cultural “Boas Novas Eternas”, 1992. Documentário em VHS.

## 8. ANEXOS

## 8.1. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros

## 8.2. Declaração

### 8.3. Como a religião deve ser financiada?

#### 8.4. A religião na linha de fogo



## 8.5. De que lado está Deus?

## 8.6. Os clérigos abençoam armas

## 8.7. Publicações expuseram a Igreja

## 8.8. Conceitos racistas

## 8.9. Como posso enfrentar o preconceito racial?

## 8.10. Discriminação contra o sexo feminino

## 8.11. Uma aldeia global, mas ainda dividida

## 8.12. Em que as Testemunhas de Jeová crêem



### 8.13. Açoitamento em público

#### 8.14. Aumento da produção gráfica

## 8.15. Triângulos roxos

## 8.16. Um testemunho da sua fé

## 8.17. Gutenberg